

Tomás Cajueiro

RETRATOS



BRASILEIROS





Tomás Cajueiro



RETRATOS
BRASILEIROS

Retratos Brasileiros: São Paulo

Primeira edição
www.retratosbrasileiros.com



Produção:



Co-produção:



Realização:



Patrocínio:



Cuida da água,
cuida de você.





Fotografos Convidados:

Ciça Gregory
Daniel Arroyo
Erica D. Dezone
Jardiel Carvalho
Marcel Pazinato
Rogério Padula



Quem são os brasileiros?

O 'Retratos Brasileiros', caro leitor, não tem a pretensão de ser uma resposta a essa pergunta, mas é importante que saibas que é ela que motiva a existência do projeto. É a busca por algo em comum, dentro das enormes diferenças que nos caracterizam, que motiva nosso caminhar. A pergunta é, portanto, o impulso, não a resposta. Afinal, nos indagamos até mesmo se existirá de fato uma resposta concreta e definitiva para esse questionamento. Deixamos a você, caro leitor, a decisão sobre isso, mas apresentamos nas próximas páginas uma série de histórias, que têm por objetivo propor uma reflexão acerca dessa pergunta, que nos parece ser cada vez mais relevante. Refletir sobre quem somos, para que, no processo de reflexão, criemos uma ideia mais abrangente e inclusiva sobre nós mesmos e, com isso, tenhamos uma visão menos estereotipada sobre o brasileiro.

Afinal, o que compartilhamos que nos faz um Brasileiro? O que tem em comum o Caiçara de Iguape, o Canavieiro de Ribeirão Preto, o Sem Terra de Bauru? Quando perguntados se são brasileiros, todos, sem exceção, nos responderam que sim, são brasileiros. Mas quando perguntamos sobre o outro, quanto o outro também é brasileiro, sobre o que eles tem em comum, a resposta foi sempre mais confusa. Parece que temos dificuldade em ver nos opostos, naqueles que são diferentes de nós, partes de nós mesmos. É por isso que a caminhada do Retratos Brasileiros tem por objetivo algo que vai além de uma resposta final e definitiva à pergunta que nos guia. Nossa caminhada foca no processo de formação da identidade e no autoconhecimento do brasileiro como povo. A caminhada parte do pressuposto de que para se reconhecer como povo, com suas tradições e costumes coletivos, o brasileiro talvez precise se conhecer melhor como gente, conhecer-se melhor individualmente. Precisamos entender quem são essas pessoas que, apesar de tão diferentes, são partes fundamentais da nossa experiência. Sem elas, sem o diferente, não teríamos a noção que temos sobre nós mesmos.

Mas como conciliar essa consciência, de que o diferente existe e é importante, com uma ideia abrangente a respeito da brasilidade? Como entender que sem o preto não conheceríamos o branco. Sem a tristeza, não saberíamos o que é alegria. Como ver no diferente uma fonte de riqueza e não algo que gera instabilidade? Como não se fechar em simples e banais estereótipos? Afinal, nem todos que moram em uma favela estão lá por falta de esforço, assim como nem todos que moram em condomínios são burgueses exploradores. Simplificações que apesar de frequentemente sentidas na sociedade, não ajudam em nada o longo e árduo processo de criação de uma identidade brasileira abrangente e inclusiva. Acreditamos que a caminhada, atrás da resposta à pergunta que nos motiva, seja o grande passo para diminuir o vazio de conhecimento que existe entre os brasileiros e nos permita descobrir o Brasil para além dos estereótipos, que nos são montados durante a vida. Buscar essa resposta nos ajuda a diminuir o dominante discurso polarizado, de nós contra eles, que não vê o mais simples dos aspectos: só existe o nós. Com grandes diferenças, sim. Mas com diferenças que nos enriquecem, ao invés de nos enfraquecerem. O Retratos Brasileiros é um convite para embarcar nessa viagem e se permitir surpreender pelas histórias de pessoas que não temos tempo de ouvir em nosso corrido cotidiano.

Em um cenário de mudanças colossais como tem sido o início do século XXI, parece vir à tona os diferentes “Brasis”, que por tanto tempo não interagiram de maneira proveitosa. “Brasis” que se ignoravam e, quando muito, interagiam em uma relação cheia de preconceitos e explorações. Brasis compostos por estilos que por vezes de tão distintos parecem mutuamente exclusivos, mas que – talvez por uma brincadeira da história? – tem suas singularidades profundamente ligadas. Posso pensar na situação do agricultor sem pensar em quem faz as compras na feira da cidade? Quem diria dos moradores de favelas, que dedicam seu trabalho às mansões em condomínios?

Convidamos você leitor a ver a história para além daquela que nos foi contada. Olhar além daquele Brasil formal e estereotipado. Buscar na vida das pessoas, em suas dores e alegrias, aquele Brasil que não se expressa em suas instituições formais como estado e mercado. Mas aquele Brasil que se constrói nas relações pessoais, nas experiências individuais de cada uma das mais de 200 milhões de almas que se definem Brasileiros. Esperamos que esse convite não se limite às páginas inanimadas de um livro, mas que você – talvez inspirado por essas páginas – se permita conhecer aqueles brasileiros do seu dia a dia, que você normalmente não tem contato. Sabe aquela pessoa que todo dia está no ponto de ônibus, no mesmo horário que você? Ou talvez aquela que você vê todo dia, tomando um cafezinho depois do almoço, mas que nunca te atreveste a cumprimentar? Foi com essa reflexão em mente que nasceu, em 2014, o Retratos Brasileiros. Nasceu como uma utopia que pretende dar voz a brasileiros que normalmente não tem voz, dar espaço a narrativas que, com frequência, não temos tempo de ouvir em nosso corrido cotidiano.

As fotos e histórias que trazemos nas próximas páginas são uma pequena amostra da diversidade de realidades, que já tivemos o prazer de registrar nos anos de existência do projeto. Uma pequena, quase ínfima, amostragem da grande riqueza do povo brasileiro: sua diversidade. Muitas outras, de diferentes regiões do país, estão disponíveis em nosso site e redes sociais. As fotos que seguem são frutos de uma parceria firmada com o Programa de Ação Cultural (ProAC) da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e transformado em realidade graças ao indispensável apoio da HTH/Lonza, Asten, Supermercados Caetano, Contech e Cartonificio Valinhos. Dessa parceria nasceu a série especial ‘Retratos Brasileiros: São Paulo’ que foi uma fantástica viagem de 10.000 km por diferentes regiões do mais populoso estado brasileiro. Nessas viagens, que foram feitas entre janeiro e julho de 2017, buscamos registrar toda a diversidade existente dentro do estado. Passamos por diferentes comunidades caiçaras no litoral, propriedades de agricultura familiar, grandes latifúndios, favelas, condomínios de luxo e tantas mais, para registrarmos um total de 1.600 histórias.

Mas afinal caro leitor, Quem é o brasileiro? De difícil resposta, acreditamos que a pergunta se torne ainda mais relevante no atual contexto político-social do país, no qual a crise que enfrentamos parece ter suas raízes em problemas de representatividade, tanto quanto, senão mais, do que econômicos ou políticos. A classe política não consegue dar voz aos anseios da população e disso parece resultar uma fratura fundamental entre as sociedades civis democráticas e aquela classe que, em tese, deveria representá-las. A resolução de uma crise de representatividade depende necessariamente da resposta que damos à pergunta acima, por mais complexa que seja.

Tomás Cajueiro
Fotógrafo e Produtor Cultural

Um povo chamado São Paulo

O projeto Retratos Brasileiros nasceu da inquietação de procurar saber mais quem é o povo brasileiro, o que pensa, como ganha vida, quais são seus sonhos, dramas e desafios diários. Partindo do princípio de que todos, independentemente de situação econômica, social, religiosa, política, tem uma história, que é única, construída, lapidada, acumulada ao longo dos anos, meses, dias, minutos e segundos de uma vida, e que essa história merece sim ser contada, partimos ao longo dos últimos meses em busca de quem é esse povo peculiar e fascinante, a partir de um recorte territorial, o estado mais populoso do país, e tão etnicamente plural, o estado de São Paulo. Viajamos por mais de 10 mil quilômetros, passando por grandes, médias e pequenas cidades, conhecemos vilas e rincões, aldeias, quilombos, acampamentos, lugares de vida pulsante e outros onde os dias passam lentamente, escorrendo vagarosamente pela folhinha empoeirada pendurada na parede. Conhecemos pessoas ricas, pobres e remediadas, gente de sábios ensinamentos, gente inventiva, trabalhadora, lutadora, vencedora, orgulhosa da própria vida, das conquistas alcançadas, pessoas que mudaram a própria realidade e do lugar onde vivem.

Encontramos gente desconfiada, que não conseguia entender o porquê daqueles forasteiros aparecerem querendo tirar um retrato seu, mas, depois de uma boa conversa, já estavam totalmente à vontade para contar a sua história. Conhecemos pessoas desesperançadas, que já não esperavam muito do amanhã, gente com dor, com saudade, relatos de sobreviventes das mais diversas tragédias, internas e externas, mas também pessoas, que mesmo em situações terríveis, nos mostravam que valia a pena viver e que era possível mudar o próprio destino. Recebemos muitos sorrisos, alguns escancaradamente contagiantes, inesquecíveis, ganhamos amigos, abraços, café, pratos de comida – sempre me lembrarei de uma maravilhosa feijoada que comi em um acampamento do MST em Araçatuba – e gratidão. Vimos pessoas emocionadas, algumas pelo próprio ato de lembrar coisas que já estavam guardadas no fundo da alma, outras simplesmente porque estavam recebendo uma simples fotografia 10x15 com o seu retrato, nos mostrando o valor das pequenas coisas.

Foram fotografadas mais de 1.600 pessoas durante a realização do projeto, mais de 1.600 histórias compartilhadas, das quais tivemos a árdua tarefa, e certamente a mais dolorida, de selecionar 100 para este livro. Sofremos por tantas imagens e relatos maravilhosos que fomos obrigados a deixar de fora, mas terminamos com a construção de um imenso e rico acervo, que futuramente poderá render novos frutos. A todos aqueles que ajudaram a esse projeto se tornar realidade, e especialmente ao amigo Tomás Cajueiro, idealizador do projeto Retratos Brasileiros, pela confiança depositada em mim e no meu trabalho, o meu imenso obrigado!

Genivaldo Amorim
Artista Plástico, Curador e Produtor Cultural

Agradecimentos

O Retratos Brasileiros é um projeto que, por definição, depende da participação voluntária das pessoas. Sem que topem nos dedicar um pouco de seu tempo para contar um pouco de sua história, lutas e conquistas, o projeto simplesmente não existiria. Nos dias de hoje, em que cada um de nós parece estar tão imerso em suas questões que acaba não tendo tempo para os outros, para falar com um desconhecido, saber que as pessoas estão dispostas a parar e abrir um pouco de sua vida para nós é motivo de enorme alegria. Por isso, não podemos deixar de agradecer, não só às 1.600 pessoas cujas histórias tivemos o prazer de registrar nessa etapa especial do Retratos Brasileiros no estado de São Paulo, mas a todas as mais de 2.500 histórias que já registramos, em três anos de trabalho. A cada um de vocês, que enobrecem nosso trabalho, fica o nosso muito obrigado.

Nosso trabalho também não seria possível sem que tivéssemos o suporte de pessoas e instituições, públicas e privadas, em cada uma das cidades pelas quais passamos. A lista seria muito extensa para citarmos todos aqui nesse espaço, mas a cada um de vocês, fica o nosso agradecimento. Em especial, agradecemos às Secretarias de Cultura de Sorocaba, Araçatuba e Santos pela imprescindível parceria, cujos frutos são as três exposições que realizamos com as fotos aqui presentes, no Museu Histórico Sorocabano, Museu Araçatubense de Artes Plásticas e na Galeria Braz Cubas.

Claro que chegar até as pessoas, cujas histórias você conhecerá nas próximas páginas, é um enorme trabalho, que envolve uma série de profissionais, os quais não poderíamos deixar de registrar. Genivaldo Amorim, curador e amigo, cujas ideias, sugestões e reflexões foram fundamentais para que a abstração do Retratos Brasileiros se transformasse em realidade. Fabricio Bizarri, parceiro que superou tantos desafios para ajudar tornar esse projeto realidade.

Aos parceiros da Cajueiro Produções: Andrea, Diego e Bruno, pela paciência, dedicação e inestimável ajuda ao longo dos trabalhos. Gabriel, pelo enorme empenho em transcrever horas de áudios em poucos dias. Aos patrocinadores do projeto HTH, Asten, Supermercados Caetano, Contech e Cartonificio Valinhos, cuja confiança e parceria foram indispensáveis para que o Retratos Brasileiros conseguisse publicar seu primeiro livro.

E claro, a vocês Sandra e Ivan. Meus pais e eternos exemplos. Minhas maiores referências de como nunca, apesar de tudo e todos, devemos esquecer que o que nos faz humanos é amor e respeito. Obrigado pela vida e pelo exemplo.

Tomás Cajueiro,
Fotógrafo e Produtor Cultural



“Sou jornalista criada em redações de impresso, durante 10 anos minha meta sempre foi o holerite no final do mês, ou as minhas férias em outubro. Tinha preguiça de fazer planos de médio e longo prazo e pensar na carreira era uma realidade distante. Não que eu não gostasse do que fazia. Não é isso. Me empolgava com matérias especiais e me esmerava em uma apuração minuciosa das notícias. Lia muito sobre política, assistia a notícias durante 14 horas do meu dia. Mas meu tesão em uma reportagem nunca superou o prazer de um final de semana na praia.

A transformação começou quando iniciei a pós-graduação em Mídias Digitais. Percebi que existia vida saudável fora do mundo narcisista das redações. Descobri que uma pessoa inteligente não era só aquela que sabia o que era coeficiente eleitoral, ou qual tinha sido a última fase da Operação da Lava Jato. Novas amizades maravilhosas me ajudaram nesse processo de mudança. E enxerguei que poderia contribuir (e me auto realizar) usando minha experiência e conhecimento de uma outra forma. Nesse meio tempo, as paredes da redação começaram a me sufocar. Sentia uma angústia profunda. Pedir demissão não foi fácil, mas foi libertador. Sem o peso habitual que sentia nos meus ombros, mergulhei fundo em um projeto pessoal e, com uma grande amiga, abri minha própria empresa de comunicação.

Empreender não é fácil. Ter a consciência de que a oportunidade da sua vida não surge, mas você quem cria, lhe dá um senso de responsabilidade pesado. É um frio na barriga constante e uma evolução diária. Não tenho mais holerite e nem grana certa no final do mês. Mas também não falta alegria e entusiasmo de acordar todos os dias e me dedicar a algo em que acredito.”

 Campinas / SP

 Cecília P. Cebalho

 Erica Dezone

A man with a beard and short dark hair, wearing an orange t-shirt, is sitting in a boxing ring. He has several tattoos on his arms, including a large one on his right forearm that features a skull and other designs. He is looking directly at the camera with a serious expression. The background shows the white ropes of the boxing ring and a blue mat.

“O Muay Thai para mim é o Caminho da boa vida, caminho do bem e da amizade. Treino Muay Thai há 15 anos e a cada ano eu melhora mais minha vida em razão dos treinamentos, melhora meu espírito. Sou competidor profissional desde 2007. Professor Grau Preto desde 2008. E hoje, estou no time do Fernando Maestro, o Maestro Team e atuo pelo Corinthians MMA.

Amo ensinar essa arte marcial para as pessoas e saber que a vida dessas pessoas melhorou depois de treinar Muay Thai. Minha alegria é treinar Muay Thai, ensinar Muay Thai e lutar Muay Thai.”

 Valinhos / SP

 Fernando G. Da Luz

 Tomás Cajueiro



“Sou Emanuel, tenho 8 anos. Gosto das invenções do meu pai, gosto do carro grandão que ele fez. Acho legal, eu também quero ser um inventor.”

 Ubatuba / SP

 Emanuel I. Alves

 Tomás Cajueiro





“Sou José Gomes dos Santos, português de nascimento e brasileiro por escolha. Quando cheguei aqui, esse rio era bem mais estreito, estreitinho. Foi antes da barragem, aí eu ficava no meio do rio e puxava areia. Foi assim que comecei a trabalhar com areia. Depois fizeram as barragens, represaram o rio e passamos a precisar de navegação. Eu fui fazendo barquinho, primeiro 15 metros, depois 30 metros, até que chegou um ponto que o barco ficava pequeno, e aí fomos fazendo embarcação grande.

Imagina que naquela altura eu era motorista, aí um dia eu fui comprar uma torneira pra minha casa aqui em Araçatuba e tinha o porto. Ai os antigos donos queriam vender essa ‘draguinha’ que tirava areia. Perguntaram pra mim se eu não queria comprar um porto, aí fui ver e gostei da brincadeira e comprei o porto dele. Não tive aquela coisa de ter visto um grande mercado nem nada assim. Quando comprei não tinha expectativa nenhuma, só comprei o porto do homem. Comecei trabalhando, trabalhando, aí fui indo, era tudo carregado na pá, eu tinha sempre de 5 a 10 homens pra carregar caminhão. Aí o movimento foi aumentando, aumentando e eu precisei comprar uma pá carregadeira.

Eu comprei a máquina, sem saber nem funcionar a máquina. Aí cheguei aqui, tirei a máquina de cima do caminhão e parece que Deus ‘tava’ me ajudando. Vim pro porto carregar sem saber nada e comecei carregar caminhão, aprendi trabalhar, arrumei um empregado pra trabalhar com ela e fui comprando caminhão. Graças a Deus eu construí a minha casa, eu estudei meus filhos e tirei tudo que tenho hoje dessa areia. Tudo que tenho saiu de dentro do rio.”

 Araçatuba / SP

 José Gomes dos Santos

 Tomás Cajueiro



“Venho de uma família humilde, de trabalhadores rurais. Eu e meu irmão fizemos o máximo pra ajudar nossos pais. Eles tocavam roça, mexia com lavoura de grãos e também tirava leite. Desde pequeno eu acordava muito cedo pra ajudar eles. Lembro da mãe contar pra gente que quando era pequena apanhava algodão na região de Miguelópolis. O tempo foi passando, a gente foi enxergando o mundo de outra maneira, meu irmão e eu fomos fazer a faculdade de agronomia.

Fui pra parte da laranja, nela fiz todos os meus estágios e pretendo continuar. É interessante porque é uma cultura perene, que não é tirada anualmente, que a planta permanece no sistema. Assim temos mais espaço para entender a planta, porque ela fica ali muitos e muitos anos, passa por vários processos climáticos.

A gente tem que aprender a tratar a natureza com mais carinho e amor. Eu sempre penso assim comigo mesmo, penso que a natureza vive sem os seres humanos, mas nós não vivemos sem ela. Vou continuar nessa área de laranja, vou fazer o meu melhor para melhorar nossa relação com elas.”

 Palestina / SP

 Caio Cesar Ferreira Rocha

 Rogério Pádula



“Com muito orgulho, nadadora da seleção paraolímpica, desde 2009. Acho que é o sonho de toda atleta representar o país em uma competição grande, e eu tive a honra de representar em Londres, em 2012, e no Rio, em 2016. Mas sabe, acho que a natação vai muito mais além do esporte. Acho que a natação está dando o motivo para eu viver cada dia melhor. Pra mim ela é meus amigos, como se fosse minha família.

Não só o esporte, mas quem tá começando qualquer coisa, tem que ir atrás do que tem vontade, pode ser no esporte, uma profissão. Acho que tem que batalhar até o fim, tudo é possível quando você tem um objetivo, um sonho é possível realizar.”

 Indaiatuba / SP

 Raquel Viel

 Tomás Cajueiro



“Morei toda vida lá, lá do lado do rio comprido, região que hoje é um reserva natural. Não só eu, toda a família cresceu e viveu por lá. Aí veio o pessoal com essa coisa de ‘reserva natural’ e querem falar que eu ‘tô’ estragando o mato. Falaram que eu não podia morar lá, onde minha família mora desde sempre. Sabe, quando começou essa coisa da APA [Área de proteção ambiental], nós íamos fazer uma roça pra viver e quando vinham ver, quando iam fiscalizar, diziam que era ruim.

Mas não vinham, quase nunca. Então pegamos confiança e continuamos com nossa vida, achando que poderíamos continuar lá. Até que veio um advogado do governo com um processo na mão. Veja se pode, um processo porque eu tinha uma roça pra fazer minha comida. Roça que ‘tá’ lá no lugar da minha família. Hoje sai e vivo aqui, mas se fosse pra poder viver como a gente vivia, de plantar pra comer, eu escolheria viver lá. Sinto falta de quase tudo, sabe? Do lugar sossegado, lugar que não tinha aborrecimento de nada, da comida boa, da roça.

Porque nós hoje não temos a liberdade que tínhamos antigamente. Nós hoje, que nem eu falo, que é uma palavra ruim mas é verdade, hoje nós vamos vivendo uma vida igual a um porco no chiqueiro. Vivemos numa prisão. É que nem aqui. Antes era só sair ali pra pescar um peixe, agora tem que andar. Antes fazia minha comida, agora tem que comprar.”

 Iguape / SP

 Carlos Raymundo

 Jardiel Carvalho





"Eu sempre quis fazer muitas coisas, ser várias coisas, e aí eu não conseguia escolher o que ser, o que fazer. Era como se eu precisasse me interessar muito por algo pra realmente conseguir seguir até o fim. E nas artes, como ator e como diretor, eu poderia ser e fazer várias coisas, dentro de uma profissão só. Eu sempre tive vontade de viajar e fazer diversas coisas, e essa ansiedade de fazer tanto, não me deixava fazer uma escolha, e o teatro me possibilitou explorar várias coisas e dimensões de mim mesmo, porque ele está sempre em movimento, ele nunca 'é' simplesmente, ele sempre está em transformação. Como eu gosto que meus dias sejam diferentes um dos outros sempre, e não sigam o tempo todo a mesma rotina, o teatro me deu a oportunidade de fazer possível o estilo de vida que mais se aproxima dos meus desejos de construção de vida."

 São Paulo / SP

 Caio Pedrosa

 Cica Gregory

“Sou comerciante do ramo de assistência técnica desde 1978. Isso começou quando surgiu a necessidade de se criar uma assistência técnica para as marcas vendidas pela antiga loja Itaipu, do Nilo. Então, meu cunhado chamou meu marido para abriremos a Irmãos Baron Assistência Técnica Autorizada.

Ai quis a vida, e os acordos comerciais, que eu assumisse o negócio após o falecimento do meu marido, em 1983, sem ter, na época, a menor noção do que era ter um negócio. Conteí com uns poucos que me ajudaram e muitos que criticaram. Mas fui forte e mesmo após perder 3 filhos e o marido em um prazo de 5 anos, passado por duas sociedades, hoje estou junto a meu filho, a cargo da Baron Assistência Técnica, uma das pioneiras da cidade de Valinhos.”

 Valinhos / SP

 Maria Regina B. Baron

 Tomás Cajueiro







“Sou Tânia Aparecida Antunes, né? Mas eu acabei por conhecer um encontro de aldeias indígenas e aí conheci uma índia e ela acabou me presenteando com o próprio nome dela, que é Katuapó. Resolvi adotar porque eu já adorava a ideia de ter um nome artístico e agora resolvi adotar Tânia Katuapó Antunes. Acho que tem muito a ver com a história dos meus ancestrais, boa parte são índios. Vim pra cá com a família, minha mãe teve que mudar por conta do trabalho do meu padrasto. Como eu já havia terminado minha faculdade de artes, vim pra cá e comecei a dar aula aqui. Eu gosto daqui de Araçatuba, tem pessoas muito boas.

Além de ser arte-educadora, eu comecei a contar histórias. Hoje eu trabalho com contação de história. Acredito que todo indivíduo é um contador de história, mas eu levo também pro campo profissional. É muito gratificante porque depois que eu comecei contar histórias, começaram a chegar as histórias que ficaram guardadas dentro do baú, histórias de outros lugares, histórias da minha vó. É assim que eu levo minha vida, tenho três filhos, tenho um companheiro muito legal, que também trabalha com arte, e continuo aí na minha área, sempre agradecendo aos seres divinos por desenvolver esse trabalho, declamo poesia, faço algumas encenações e isso pra mim é muito legal, sou feliz fazendo isso.”



Araçatuba / SP



Tânia Aparecida Antunes



Jardiel Carvalho



“Sorocaba passou de uma cidade assim bem provincial pra uma cidade bem moderna a partir de 1970. Hoje Sorocaba tem um dos polos industriais mais importantes do Brasil. Quando cheguei aqui em 1955 não era assim. A sorocabana foi importante nesse processo. Foi pioneira como empresa de transporte que movimentou todo esse ramal de São Paulo até Presidente Prudente, até Bauru. Meu pai foi ferroviário, um dos tantos que fez a vida na ferrovia. Por isso eu sempre viajei de trem, até os 18 anos eu nunca havia viajado de outra maneira. A gente ia pra Tatuí, pra Prudente, pra Indiana, essa era minha relação.

Eu sou formado em educação física, mas eu não fui dar aula, eu sempre tive negócios, sempre fui empresário aqui na cidade. Mas tenho um grande hobby que é escrever sobre a história, como que começaram as coisas aqui desde que eu tenho consciência história na minha pré-adolescência. História é importante, ela cria a memória. Infelizmente eu acho que a gente não cuidou do nosso patrimônio, o museu da estrada de ferro é algo novo, veio tão tarde. Eu sou filho de ferroviário e sou referência, quando meu pai deveria ser referência. Imagina quantos casos assim devem existir. Parece que cultura e educação não são prioridades. Isso é ruim, ainda mais em uma cidade como Sorocaba, que é grande e eclética. De toda população eu acho que a metade veio de fora. Quando eu comecei a pensar nisso, Sorocaba tinha 100 mil habitantes, então ela cresceu rapidamente por causa da industrialização e da modernidade. Hoje é uma cidade com mais de 500.00 habitantes. Como as pessoas vão se sentir parte de algo comum?”

 Sorocaba / SP

 Luís Antônio Barbosa de Oliveira

 Tomás Cajueiro



“Estou há trinta e nove anos na Rosas de Ouro e apesar de ajudar outros setores da escola eu sou mesmo é da bateria! Cheguei aqui porque meu irmão me trouxe. Bom, aqui não foi bem aqui nesse lugar, porque cheguei no último ano que teve lá em cima, na Brasilândia, em 1979. Depois, a escola transferiu pra cá e eu acompanhei toda a história.

Essa escola representa muito pra mim, dá pra você ver pela tatuagem, né? Depois da minha mãe vem a Rosas de Ouro, a escola pra mim é tudo. Carnaval desse ano vai ser o carnaval da superação, porque depois de ter tido a décima primeira colocação no ano passado, nós vamos brigar com nós mesmos. Tentar superar a nós mesmos, né?

Pra isso, todo mundo ajuda todo mundo, nós da bateria damos uma força lá no atelier, no barracão e onde precisar. A esperança que eu tenho é de fazer um bom carnaval, de fazer o melhor. Aí o campeonato vem naturalmente, com fruto do trabalho. Pra isso, a gente trabalha muito duro pra caramba. A gente chega aqui às 9 (horas) da manhã e faz tudo e dá uma força pro pessoal que está precisando.”

 São Paulo / SP

 Edvaldo Neto

 Jardiel Carvalho





“As coisas melhoraram muito aqui desde quando cheguei. Mas o que eu sinto falta, que antes tinha e agora não tem mais, é a carne do mato. Carne da caça, sabe. Sinto falta não só do sabor da carne, mas de tudo que tinha em volta da carne. Caçar era um modo de unir a comunidade, todo mundo estava envolvido. Sinto falta disso, do envolvimento.”

 Ubatuba / SP

 Ilma de Souza

 Tomás Cajueiro



“Me chamo Antônio Donizetti Arantes Julio, tenho 23 anos, moro aqui nessa fazenda faz 15 anos e trabalho faz 7 anos. Já viu né? Morando aqui é natural que você acabe trabalhando por aqui também, junto da sua família. Eu hoje faço de tudo um pouco, às vezes trator, às vezes jardim, cada dia a gente faz uma coisa. É tudo um trabalho pesado, mas muito digno. As pessoas tiram a vida delas e da família aqui do trabalho que fazem cotidianamente. Mas eu também tenho uma outra vida fora daqui: sou cabeleireiro. Trabalho faz 4 anos como cabeleireiro em um salão super bom lá na cidade. Vou me revezando, sabe? Trabalho aqui e no sábado trabalho lá. Ai, quando eu ‘tô’ de férias aqui da fazenda, eu trabalho lá o mês inteiro.

São dois mundos bem diferentes e pra dizer a verdade eu não gosto muito do meu trabalho aqui. Quer dizer, aqui dá meu alimento, minha vida. Mas o meu dom é aquele. Aqui é algo para construir esse sonho. Como o patrão precisa do meu trabalho e eu preciso do dinheiro dele, temos uma parceria legal, fazer tudo certo, pra ficar bom pra ele e bom pra mim. Mas o meu sonho é futuramente montar um salão e viver só dessa área. Mas não confundo as coisas e tenho muito orgulho de onde venho, do trabalho que sustentou minha família. Do trabalho que permita não só que tenha um sonho, mas lute por ele. Sem o trabalho aqui na fazenda, como eu sonharia?

Passo por situações engraçadas, viu? Todo mundo fica espantado quando descobre “mas como assim, gente, trocar um trator por um secador?” Pra mim é normal, aqui eu sou tratorista e moro na fazenda, e lá eu trabalho na área da beleza e me identifico assim. Aprendi a levar as duas partes ao mesmo tempo, né? Trocar de personagem.”

 Jardinópolis / SP

 Antônio Donizette Arantes Julio

 Tomás Cajueiro

“Me chamo Jairo Afonso de Paula, tenho 40 anos. Eu tô de passagem por Campinas, porque eu tive alguns problemas. Primeiro eu perdi minha mãe, depois teve o divórcio com a minha esposa, deixei o apartamento pra eles, pus no nome dos meus filhos a minha metade e propus que ela colocasse a metade dela também no nome das crianças, mas ela não quis fazer isso. Tudo bem. Eles moram todos no apartamento e eu saí pra começar uma vida nova.

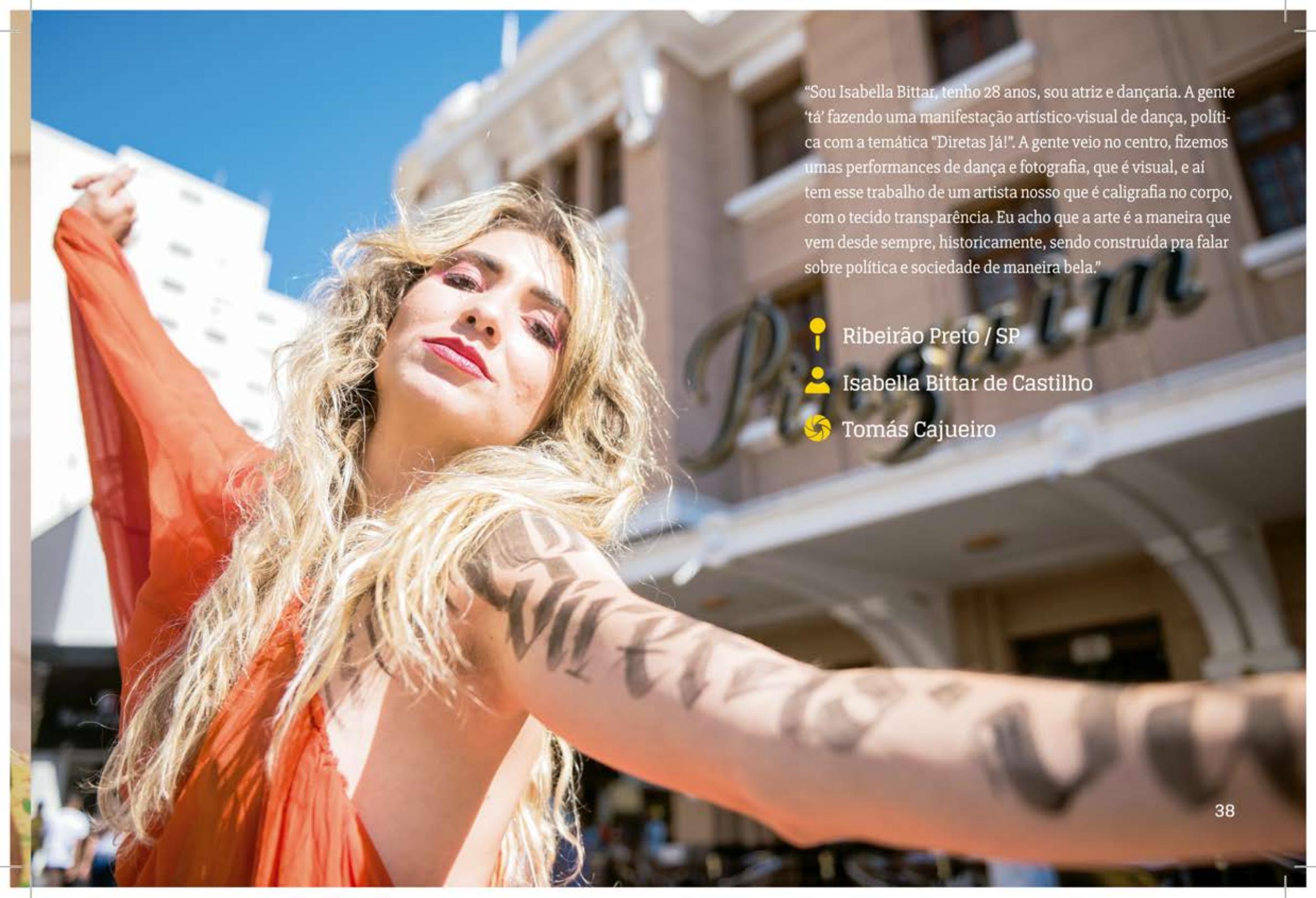
Escolhi Campinas porque eu acho que é uma cidade que tem mais recursos do que Ribeirão. Lá falta muito remédio, por falta de remédios eu fiquei internado. Não gosto da internação, de jeito nenhum. Aqui no CAPS é muito bom. Onde as pessoas ficam internadas é fechado, é fechado sim. O setor de agudos, onde eu fui internado, é fechado. Todas essas últimas três internações que eu tive foi com intenção suicida, eu me vi num ponto da minha vida que não tinha mais solução, antes de cair na estrada, foi o que eu acabei fazendo. Vou me refazer, começar a minha vida de novo longe daqui, aí foi que eu vim aqui pra Campinas.”

 Campinas / SP

 Jairo Afonso de Paula

 Tomás Cajueiro





"Sou Isabella Bittar, tenho 28 anos, sou atriz e dançarina. A gente 'tá' fazendo uma manifestação artístico-visual de dança, política com a temática "Diretas Já!". A gente veio no centro, fizemos umas performances de dança e fotografia, que é visual, e aí tem esse trabalho de um artista nosso que é caligrafia no corpo, com o tecido transparência. Eu acho que a arte é a maneira que vem desde sempre, historicamente, sendo construída pra falar sobre política e sociedade de maneira bela."

 Ribeirão Preto / SP

 Isabella Bittar de Castilho

 Tomás Cajueiro

A young boy with dark hair and a slight smile stands with his arms crossed on a wooden pier. He is shirtless and wearing light-colored shorts. The background shows a large body of water, distant hills, and a cloudy sky.

“Quando crescer quero ser pescador, igual meu pai. Quero pescar manjuba”

 Iguape / SP

 Melk Z. L. da Silva

 Tomás Cajueiro



“Gosto de pintar. Gosto de fazer exercício, porque é bom pra saúde. Faço quase todo dia, sabia? Só tem um sonho que ainda não fiz: queria comprar um cavalo.”

 Valinhos / SP

 Maria Soares

 Tomás Cajueiro



“Sou Maria Alice Ribeiro, 73 anos e uma das lutadoras, coordenadora do Jongo Dito Ribeiro. Benedito Ribeiro era mineiro, praticava o Jongo lá. Quando ele veio pra Campinas, casou e teve o primeiro filho. Acho que ele casou em 30. Sou a última dos filhos e minha trajetória começou ali, com esses dois.

O jongo entrou desde cedo. Quando eu tinha uns cinco anos eu me lembro das rodas de jongo. Criança não participava, mas eu via. Observava e fui criando minha admiração. Mas aconteceram problemas e parou o jongo. Não sei exatamente o porquê, mas o Jongo ficou vários anos adormecido, até que minha filha, Alessandra Ribeiro, se reencontrou com essa dança. Ela ficou muito mexida e tinha um ponto que não saía da cabeça dela.

Então, ela foi atrás de conhecer mais e chegou no Reverendo, que era o nome do coordenador de um Jongo aqui da região, e convidou pra ele ir lá em casa fazer um jongo. E ele foi. Veio ainda com uma perna enfaixada! Você acredita que ela insistiu tanto que ele veio daquele jeito mesmo, numa cadeira de roda? Ai foi jongo a noite inteira no meu quintal. Na manhã seguinte, meu irmão conversou com Alessandra e disse que seus avós faziam isso. Foi o que faltava pra ela se aprofundar de vez nessa cultura. Hoje tenho orgulho de dizer que eu voltei para o jongo através da Alessandra. Não só eu, como meu irmão Carlos Augusto, todos nós, os cinco filhos voltaram.”

 Campinas / SP

 Maria Alice Ribeiro

 Tomás Cajueiro





“Sou advogado, contador e agora proprietário rural. Trabalho nisso desde 79. Fiz química industrial em Piracicaba e meu pai falou que ia vender a propriedade, então eu falei pra ele que ia abandonar a química e voltar pra Araçatuba pra cuidar da propriedade e do escritório. Quando ele aceitou, não pensei duas vezes e voltei pra cá! Desde então, tenho trabalhado de advogado e na parte rural. Eu vim pra cá sem saber de nada desse mundo, nada mesmo! Agora é uma paixão. Posso tranquilamente dizer que eu largo tudo, mas não largo o sítio. Aqui dá pra mexer com gado de corte, com leite, mas tenho também um pouco de cana. Por que ele colocou a cana? Porque chegou um ponto que o gado não dava pra ele financeiramente, e a cana é mensal, dá um dinheirinho todo mês. Minha paixão são esses animais! O gado, o animal e a planta que os sustenta. Aprendi muito! Imagina que eu cheguei aqui e não sabia o que era vaca cruzada, pensava que era cruzada por ter mancha! Até que me explicaram que vaca cruzada é a vaca holandesa cruzada com o boi nelore, então é uma mistura de animal, daí que vem a cruzada, não tem nada a ver com a mancha. Aprendi a plantar capim, fazer análise de solo, quantos quilos vai de adubo, então tudo fui aprendendo.

Muita gente tem a impressão errada que todo mundo que mexe com pecuária é milionário. Não, hoje se eu tivesse que viver só dessa propriedade minha aqui, eu não teria pra viver o padrão de vida que eu levo. O que me ajuda nisso é o escritório. Hoje, a propriedade é autossustentável, mas eu gosto das coisas muito caprichadas, então isso gasta um pouco também. Hoje eu tenho 110 cabeças aqui que me geram uma boa renda, mas as pessoas não entendem que a despesa é muito alta também, então ‘tá’ empatando praticamente. Isso é um dos fatores que afastam meus filhos. Além disso, eu tive um problema familiar que eu perdi a primeira esposa com uma doença gravíssima, então, nesses 12 anos de doença dela, eles saíram daqui e foram tomar conta dela e hoje eles não gostam desse espaço. Eles moram comigo, não querem casar, mas assim, eles falaram que o dia que eu for embora, eles vendem isso na outra semana. É um desgosto muito grande para mim, mas eles não gostam. Pensa que eu vim aqui pela relação afetiva com meu pai. Mas assim é a vida, não é?”

 Araçatuba / SP

 Nelson Blini

 Tomás Cajueiro

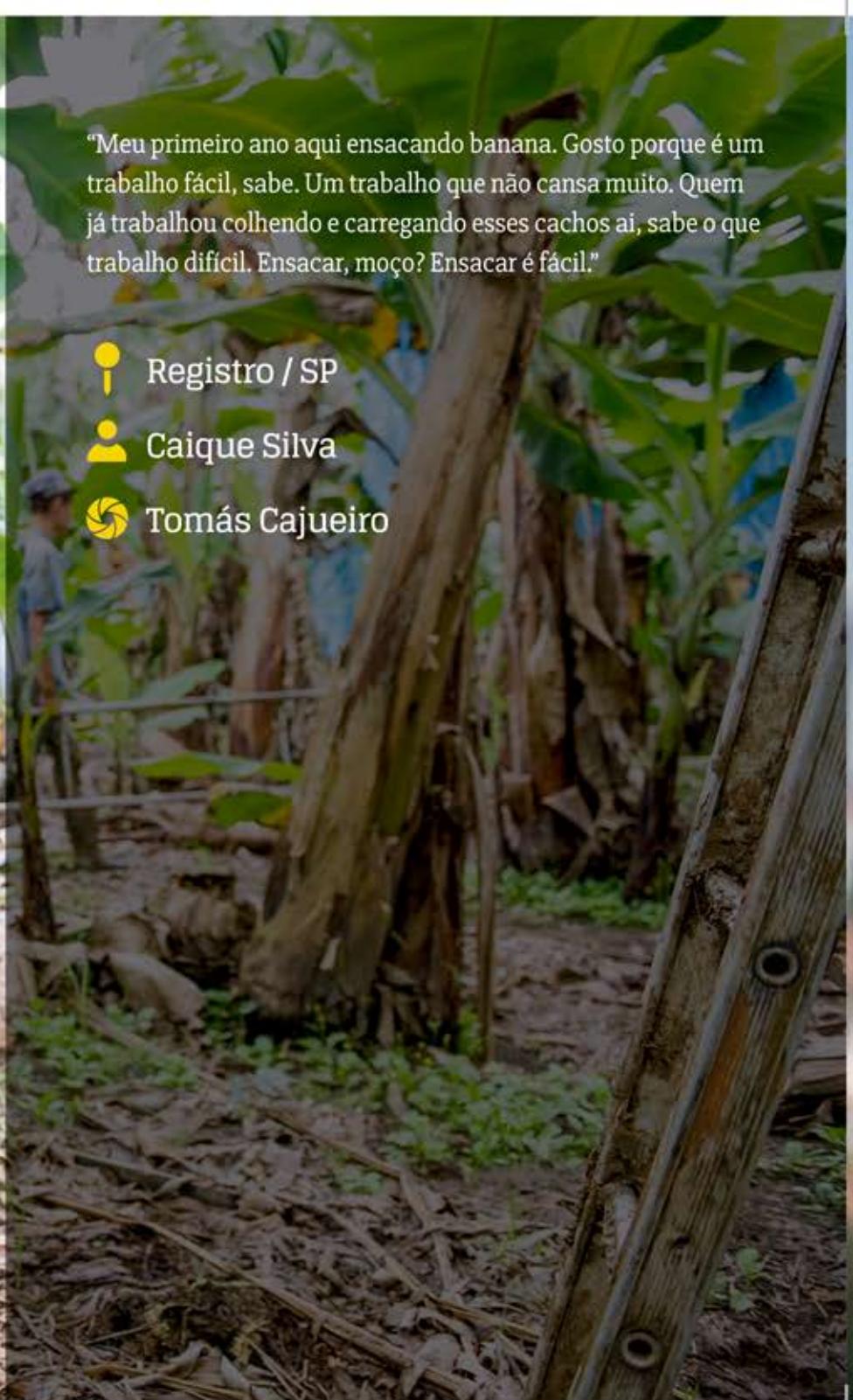


“Meu primeiro ano aqui ensacando banana. Gosto porque é um trabalho fácil, sabe. Um trabalho que não cansa muito. Quem já trabalhou colhendo e carregando esses cachos ai, sabe o que trabalho difícil. Ensacar, moço? Ensacar é fácil.”

 Registro / SP

 Caique Silva

 Tomás Cajueiro



“Meu nome é Christizi, nasci em Lorena (SP) e moro em Campinas (SP) desde 1999. Foi nesta cidade que comecei a entender que eu sou responsável por minha vida, por tudo que me acontece. Sou brasileira de nascença, mas cidadã do mundo, de alma. Todos nós estamos conectados.

Trabalho com comunicação, adoro cozinhar e me sinto mais viva perto do mar. Para mim ser bem sucedida é estar leve na maior parte do dia. Acredito que o grande lance é se conhecer cada vez mais, ficar mais consciente do que é real e eliminar o que não é essencial. No final das contas tudo é uma questão de dançar a vida conforme a música.”

 Campinas / SP

 Christizi B. Portela

 Erica Dezone





“Me sinto um quebrador de tabus aqui no meu trabalho. Quebrando tabus, no sentido assim, no barco se ouve muito assim ‘ah mas sempre foi assim, não dá pra mudar’. Eu não penso assim. Dá pra melhorar? ‘Vamo’ melhorar. O exemplo que eu ia dar é bobo, mas esse barco aqui não tem alternador pra carregar as baterias, isso o mestre concordou e a gente arrancou os alternadores fora. O próprio gerador tem as fontes que mantêm as baterias carregadas, eu tenho um sistema aí, que só nesse período que o barco ‘tá’ sem gerador, normalmente é de dia, que usa a energia de bateria. Isso é modernização, o frigorífico desse barco é elétrico, são compressores semi-herméticos, que são mais independentes.

Já sofri resistência um pouco. Mas acredito ter muita sensibilidade de respeitar o que não vale a pena ser mudado, né? Tem que ter coerência, tem que saber o que funciona há anos e anos e, se mudar não vai melhorar, e o que dá pra fazer melhor, pra economizar combustível, pra dar menos trabalho. A ideia é o barco ir, pescar e voltar sem me xingar, ou seja, sem nada ter quebrado.”

📍 Guarujá / SP

👤 Roberto Rodrigues Jr

📷 Tomás Cajueiro



“Meu nome é Ereilde Martins Rodrigues, tenho 29 anos, sou sangradora há 8 anos. Eu gosto, é um serviço bom. Assim, é cansativo mas tem bastante produção e cada dia a gente aprende uma coisa nova. É comunicação com a árvore, eu falo com as árvores. Meu patrão ensina a conversar com as árvores, às vezes a gente fica falando pra elas produzirem mais um pouco. Eu gosto de ser sangradora, eu não sou tão profissional ainda porque me faltam alguns detalhes. Eles falam que em 2 anos você já é um profissional, mas eu ainda ‘tô’ aprendendo. Acho que vou estar sempre aprendendo.”

 Nova Granada / SP

 Ereilde Martins Rodrigues

 Rogério Padula



“Me chamo Luiz, mais conhecido pelo meu nome de santo, Toloji. Minha caminhada nesse mundo começou quando eu tinha um amigo, aqui em Campinas, que frequentava a Umbanda. Antes eu era católico, minha família muito católica, mas tinha algumas coisas que não dava pra gente conceber dentro do catolicismo como, por exemplo, o fato de Maria ser virgem, essas coisas. Comecei a observar que as culturas Afro falavam a mesma linguagem, haviam diferenças entre elas, mas não muitas. Enquanto na Umbanda, cada um tinha a sua verdade. Frequentando, notei que cada pessoa da Umbanda falava uma coisa diferente. Ninguém tinha o mesmo ponto de vista. Isso me incomodava, porque um era mais católico, outro magia oriental, magia ocidental. Cada um era uma coisa. Minha mãe todos os anos ia pra Salvador, de onde somos, visitar os pais dela. Numa dessas idas, eu pedi pra ela ver alguém pra poder fazer minha obrigação. Em Salvador, eu tinha certeza que esse tipo de coisa era mais fácil de encontrar, de ter confiança pra fazer a iniciação. Então minha mãe contatou uma pessoa, que me carregou no colo quando criança, e a sobrinha dela era mãe de santo. Fui lá primeiro, acertei os valores pra poder fazer a obrigação nas férias do serviço e fiz minha iniciação. Meus pais de santo moravam em Salvador, numa época que não tinha telefone, não tinha nada, eu mandava uma carta quando tinha problemas e 3 meses depois eu recebia a resposta. Às vezes falava de tudo, menos do que eu tinha perguntado. Nas férias, eu fazia minhas obrigações, a de 7 anos eu já fiz aqui em Campinas mesmo. Eu fiz santo em 72, em 76 eu ajudava as pessoas com caboclo, com coisas ligadas ao santo e então, eu fundei uma casa no Jardim São Pedro, foi a primeira casa de Campinas.

O pioneirismo acho que foi o principal desafio, porque o candomblé não se faz sozinho. Quando você precisava de alguém, você não tinha quem te ajudar, minha mãe de santo morava em Salvador, quando vinha pra cá, ficava muito caro. O Candomblé é muito refinado, cheio de jeitos e segredos que só os mais velhos conhecem. Quando a gente precisava, tinha que procurar quem tinha conhecimento, pra poder comprar o conhecimento. Hoje mudou muito, você tem acesso a internet e a muito conhecimento. Apesar de ser um perigo, tem muita coisa errada ali, quem não tem conhecimento vai pegar as coisas que não sabe o que vai fazer, mesma coisa que você dar uma peça pro cara montar o carro, sem ele saber onde vai colocar a peça. Uma coisa que não mudou foi o preconceito. Mas sabe, a ignorância vai ter em toda parte, a pior coisa do mundo é quando você fala em religião ofendendo alguém. Cada um tem seu modo de ver o Deus que ele imagina existir, o sagrado dele vai ter sempre prioridade ao sagrado dos outros. Preconceito é uma coisa errada, mas como você vai fazer ele ter consciência? Tem que ter o bom senso, a pessoa não faz ideia que Deus é ele também, que tudo que ele vê no universo é Deus, Deus é tudo. Não é um ser humano. A gente não tem nem consciência do que seja Deus, é tão vasto, tão vasto que não dá nem pra imaginar... até mesmo os mais refinados cientistas não tem noção do total.”

 Campinas / SP

 Luiz Antonio Castro de Jesus

 Tomás Cajueiro



“Meu nome é Cindy Muniz e tenho 22 anos. Comparando com os outros, eu nem tive tantas dificuldades, nem tantas assim. Surgiram algumas pedras nos caminhos, problemas, claro, mas problemas sempre surgem.

O verdadeiro desafio da minha vida, a verdadeira dificuldade sou eu, sempre fui eu. Desde que me entendo por gente eu sinto medo, medo de fracassar, de decepcionar e magoar as pessoas, de me magoar. Eu achei que se eu fosse defensiva e focasse em outras coisas, em outras pessoas, que se eu conseguisse não sentir, eu não sofreria. Mas fiz besteira, eu não só me desliguei da dor como me desliguei de tudo. Do lado bom e do lado ruim. Até que não sobrou nada, a gente pode viver o agora, mas o melhor do agora é que amanhã tem mais. E eu fiz isso contar, busquei aquilo que me fizesse bem, aquele toque que abraça o coração!

Taiko, é usualmente relacionado ao instrumento de percussão japonesa, porém, Taiko não é uma simples tradução para o tambor japonês, tem um significado muito mais abrangente. Não resumimos em apenas tocar um tambor, porque isso todo mundo faz, mas sim de tocar com a alma, incorporar e expressar um sentimento de um só coração, praticando a elevação espiritual.

Ter conhecido essa arte milenar japonesa e herdado esse valor, só me dá mais vontade de cultivá-lo, preservá-lo e propagá-lo mundo afora. Implantando o sentimento que preza os mais velhos e o próximo, a cooperação mútua do grupo, as amizades, as responsabilidades, determinação, desenvolvendo um corpo vigoroso, sadio e a filosofia de humildade e eficácia, sempre! Muitos perguntam quando eu vou me cansar, e eu respondo: “Você se cansou da sua família? Pensa em largar eles? Aí está a sua resposta!” Agradeço ao grupo Ribeira Ryofu Dai-ko, onde toco há 8 anos, que me ajudou a ser mais comunicativa, me ensinou como tratar as pessoas, a lidar com essas inúmeras formas de personalidades que existem por aí. Buscando um aprendizado constante e experiências novas, porque o Taiko não é apenas um grupo de pessoas tocando tambores, somos uma família!”

 Registro / SP

 Cindy Muniz

 Tomás Cajueiro



“É bom morar aqui no Quilombo, mas bom mesmo é pra quem gosta de mexer com roça. Agora pra gente como eu, que não gosta, é melhor sair! Eu mesmo não sei se tenho vontade de viver minha vida toda aqui no Quilombo, sabe? É um trabalho muito cansativo. Acho que tenho vontade de sair pra fora, de ir pra cidade e tentar por lá minha vida. Já fui lá pra São Paulo várias vezes, ver amigos e parentes, e tenho a impressão que a vida lá é boa. A vida na cidade parece ser melhor, ser mais fácil.”

 Eldorado / SP

 Yure Furquin da Silva

 Jardiel Carvalho





“Eu me chamo Carolina Ferreira de Lima, tenho 21 anos. Hoje em dia faço Química. Tô no 3º ano na UNESP aqui em São José do Rio Preto. Eu sou de um pouquinho mais do interior, sou de Monte Aprazível, aqui pertinho mesmo.

Cheguei na universidade pública através da minha irmã, porque eu sou de escola pública e ninguém tinha conhecimento de universidade pública na minha escola. Sou a única pessoa da minha turma que foi atrás de uma universidade pública. Escolhi Química, primeiro porque era um curso perto da minha casa, depois na faculdade eu descobri a licenciatura e é uma coisa que eu ‘tô’ amando. Não quero que o meu conhecimento morra comigo, quero sempre passar o que eu sei pra outras pessoas. Está sendo muito bom. Me descobri nesse processo de dar aula, até mais que a própria Química, até mesmo essa parte humana da faculdade eu ‘tô’ gostando bastante”

 São José do Rio Preto / SP

 Carolina Ferreira de Lima

 Rogério Padula



“Sou nascido e criado aqui mesmo na comunidade, desde quando aqui era só lama. Minha mãe não deixava nem eu sair do portão de casa com medo, porque era muito mato aqui. Tenho cicatriz de andar na favela aqui mesmo. ‘Nóis’ é maloqueiro, mas eu tenho o estudo completo, eu nunca repeti de ano, minha mãe me levava e buscava na escola, tanto que hoje em dia ela é funcionária da escola. Ela foi estudando e fazendo concursos, hoje em dia é efetiva da prefeitura.

Já vi de tudo na minha vida! Já vi morte, vi briga e agora tem uns 3 meses só, que ‘tô’ no movimento. Mas de teimosia mesmo, porque eu nem preciso disso, minha mãe me dá de tudo. Estou aqui pra ter um pouco de dinheiro a mais pra sair, balada, festa. Porque se eu chegar em casa tem de tudo, mingau, fruta. Se eu chegar agora e pedir dinheiro pra minha mãe, ela vai me dar. Mas prefiro vir aqui e ganhar o meu dinheiro.

A pior experiência da minha vida foi ser preso. Meu irmão chapou, meu pai virou cachaceiro, meu pai morreu faz 1 ano e 8 meses, completamente abandonado. Fui preso porque fiquei procurado num 12, aí fui preso em flagrante em mais um 12. Fiquei 7 anos ao todo, o que mais pesava era minha filha pequena. Saí ela tinha 9 anos, fui preso ela tinha só 2! Hoje eu busco viver ela ao máximo, levo e busco ela todo dia na escola, devo nada pra ninguém. Mas é ruim, porque fico meio inseguro sabe, sei as coisas que já vi e vivi, por isso não consigo desligar nunca. Fico sempre atento. Isso é ruim. Muito ruim. Sua mãe, ou sua filha doente, precisando ir no médico e você não ter como levar, porque tem medo que alguém te acha, ‘tá’ namorando com a mulher, ouve um barulho no quintal e já fica preocupado. Isso é ruim cara, muito ruim.”



-



-



Jardiel Carvalho

"A gente foi criado na lavoura, então a gente acostumou com a lavoura e é difícil pensar nossa vida em outro lugar. A lavoura é tudo na vida, se não for ela, como que o povo vai comer? Viver? Muita gente não tem consciência e não pára pra pensar que o arroz e o feijão que come, que tem na mesa todo dia, de onde vem? Do produtor, do trabalhador do campo, né? Se não for ele ninguém come, ninguém vive."

 Araçatuba / SP

 Pedro Favoratto

 Tomás Cajueiro



“Comecei a trabalhar na ferrovia aos 16 anos de idade e, em 1973, com 18 anos, entrei para a recém-fundada Ferrovia Paulista S/A – FEPASA, onde fiquei até 1994. Passei muitas vezes por este trecho que havia pertencido à Companhia Paulista de Estradas de Ferro, entre Jundiaí e Campinas. É um caminho muito bonito, mas cheio de curvas, dava muito susto na gente, principalmente quando cruzávamos com outro trem em sentido oposto. Havia muitos trens circulando em diversos horários, as estações são bem próximas uma das outras e o sistema catenária de distribuição e alimentação elétrica das locomotivas demandava muito mais atenção e responsabilidade ao conduzir um trem. Depois que aposentei ainda sonhava com trens e fui realizar outras atividades para esquecer um pouco.

Perdi meu pai quando tinha 8 anos de idade e a ferrovia foi uma verdadeira escola da vida para mim, nela eu aprendi a ter disciplina, respeitar os horários, os superiores e os colegas de profissão e aquilo que você não sabia fazer, como por exemplo, cozinhar, você aprendia na marra.”

 Valinhos / SP

 Orlando D. Clemente

 Marcel Pazinato





“Fiz 77 anos agora, dia primeiro de janeiro. Todos, graças a Deus, vividos aqui na minha querida Comunidade Ivaporunduva. Não gosto de sair daqui, nem no Guarujá que meu filho mora eu num gosto de ir! Agora ‘tão’ chamando eu pra lá pra cuidar de mim, mas eu ‘num’ gosto! ‘Num’ quero ir. Sabe, quando saio aqui do quilombo eu não me sinto bem, não fico à vontade! Só os jovens que saem, mas saem porque esses jovens de agora não querem serviço, eles não querem enfrentar a roça que eu enfrentei e ainda enfrento.

Por isso fico um pouco triste, sabe, preocupada com o futuro. Porque quando os velhos morrerem os que ‘tão’ vindo não vão saber o que é um pé de rama, um pé de alface, um pé de nada. Eles não entendem que assim eles vão ser pobres, sabe. Veja só, eu nunca comprei nada, nunca precisei de dinheiro e só vivi com as coisas da roça: arroz, feijão, milho, mandioca e tudo mais que Deus nos dá. Agora esse povo vai pra cidade e lá não planta, lá tem que comprar, mas te pergunto: com qual dinheiro?”

 Eldorado / SP

 Jardilina P. M. Da Silva

 Tomás Cajueiro



“Meu nome é David, eu tenho 23 anos de idade, moro em Bauru, nasci aqui na cidade. Meu envolvimento com a cultura é com o hip-hop, aprendi muito com ela. Comecei aos 9 anos de idade, meu pai era dançarino e me ensinou algumas coisas. Aí na vida eu encontrei muito o hip-hop de rua, coisas que no interior é mais forte de ver.

Acredito que a cultura hip-hop faz muitas coisas boas pela cidade, ela movimenta a parte cultural, a criançada aprende muito, sabe? Disciplina, deixa a cidade mais bonita, mais colorida com os grafites, turismo, movimentação, a cultura hip-hop ajuda muito a nossa cidade. Eu acredito que Bauru apoie a gente sim, eu acredito que poderia ser muito mais, mas isso é uma coisa do nosso país, o envolvimento cultural já é fraco mesmo, então não é da nossa cidade, as outras culturas eu também vejo isso, a cena musical de Bauru é muito boa, é um berço assim como a capital.”

 Bauru / SP

 Ariel David Luiz

 Jardiel Carvalho



“Meu nome é Renato Nicacio, tenho paralisia cerebral. Mas não é isso que me define. É o começo da história. É um obstáculo importante que supero todos os dias, com apoio da minha família e muita vontade de fazer o que gosto: criar. Desde que descobri que uma escova de dentes bem posicionada, um teclado e um computador permitiam dar vida às coisas bonitas, virei Nego Nato.

Mais que um apelido, ou uma representação do meu trabalho, Nego Nato é a marca de uma nova história. Uma história da qual eu sou protagonista. Uma história que escrevo a cada dia com minhas criações, personalizações e artes.

Nego Nato é, acima de tudo, o compromisso de dar o meu melhor e transmitir todo o carinho e alegria que tenho ao criar o produto final. É a vontade de inspirar cada um dos meus clientes com a mesma motivação que tenho para trabalhar todos os dias.”

-  São Vicente / SP
-  Renato Nicacio
-  Jardiel Carvalho





“Sou Maria José da Silva, 76 anos, e cresci em uma família que está envolvida a mais de 110 anos na cultura do Terno. Dancei grávida, meu esposo, meu pai, minha mãe, família unida pela dança. Aí o que aconteceu, quando meu marido morreu e fiquei viúva nova, com 27 anos, ‘tava’ grávida da caçula, eu me afastei um pouco. Com 4 anos de viuvez eu arrumei um companheiro, aí o que aconteceu, aconteceu que eu afastei, eu viajava com barraca, quando foi numa festa eu fiquei ruim e me deu derrame. Achei que fosse morrer, meu filho. O médico disse pra ele que era arriscado eu não andar, ou não escapar. Ele arrumou uma enfermeira aposentada pra cuidar de mim, eu não falava, e fiquei na cama um tempo.

Quando foi um dia eu sonhei, sonhei com uma voz que veio e falou comigo “você esqueceu do seu protetor?” Eu na cama, sonhei com isso, quando eu abri os olhos ‘tava’ o quadro do São Benedito. Aí eu fiz a promessa pra ele, de que se eu levantasse daquela cama, que se me devolvesse a voz, enquanto Deus me desse vida, eu voltava pra São Benedito e nunca mais ia sair, só quando Jesus me chamasse.

Você acredita que depois de 3 dias que eu fiz esse voto pra São Benedito, acordei com vontade ir no banheiro, levantei e fui! Quando voltei foi que eu lembrei que eu estava na cama há tantos meses. Já ‘tá’ com 28 anos que isso aconteceu. Quando voltei a falar, já falei diretamente com o capitão de Moçambique e comecei a dançar. Hoje eu me tornei a vice-rainha, então o meu vestuário é todo diferente das outras. Eu me sinto muito feliz, eu choro por dentro, sabe? Eu choro por dentro agradecendo a Jesus toda hora.”

 Santo Antônio da Alegria / SP

 Maria José da Silva

 Tomás Cajueiro

“O maior, talvez único, atraso na vida é a doença.
O resto, meu filho, é coisa da nossa cabeça.”

 Iguape / SP

 Calvino A. De Castro

 Tomás Cajueiro



“Me chamo Aparecida das Graças Votolino de Souza, eu vou fazer 60 anos. Quarenta anos aqui nessa propriedade. Eu procuro ser uma mãe exemplar, uma mãe espelho, procuro colocar na família aquilo que eu tenho à base de vida, ao longo da vida. Eu procuro ouvir mais e falar menos, pra gente conviver com todas as noras, com os meus amigos, com os meus familiares. Procuro sempre viver bem, sempre Deus, tenho Deus no coração, procuro vivenciar o evangelho. Eu procuro ser uma esposa digna e perfeita, assim, na dignidade, no respeito com o meu marido e com os meus filhos. ‘Tô’ tentando no dia-a-dia passar isso pra eles, eu agradeço a Deus pelos filhos que eu tenho, cada um com um dom perfeito, maravilhoso que Deus deu. Eles pegam muito da gente, dos avós. Eu admiro muito meu pai, minha mãe, meu sogro, minha sogra, então, a gente procura esse espelho a cada dia, cada minuto da vida da gente.”

-  Santo Antônio da Alegria / SP
-  Aparecida das Graças
-  Tomás Cajueiro



“Sou Paula Blanco, tenho 38 anos, sou moradora do Capão há 36 anos e nunca saí daqui. Minha infância aqui no bairro foi muito tranquila, se passou praticamente dentro de um condomínio, então eu acabei não sofrendo muito a influência do que era uma convivência na rua, ou até de assistir a violência que se contava na época. Sempre tive coisas que me propiciaram uma vida além do bairro. Minha mãe, por exemplo, sempre foi professora de escola pública no Capão, mas meus pais preferiram me colocar em escola particular e por isso estudei a vida inteira em Santo Amaro. Tive acesso à educação que não sofria greves, talvez uma educação um pouco mais rigorosa. Posso dizer que sou uma moradora do Capão Redondo, que tive oportunidades na minha vida, graças ao empenho dos meus pais. Sempre tive acesso à escolas particulares, cursos de línguas.

Mas é curioso que eu sempre tive amigos aqui, sempre me dei muito bem com as pessoas aqui do bairro. Tenho amigos aqui desde os 2 anos de idade e muito mais amigos daqui, do que das escolas que frequentei. Com eles eu não mantive muito os laços, simplesmente não aconteceu.

Uns 10 anos atrás eu ‘tava’ dentro de casa e recebi um guia de comércio. Ali conheci a Fábrica da Criatividade já achei incrível! Li que era um espaço que tinha uma pegada mais social, ofereciam cursos de cultura e arte a preços bem acessíveis, ou então gratuitos. Foi só uma questão de tempo, até que um dia eu tive a oportunidade de trabalhar aqui. No meu subconsciente eu sempre gostei muito daqui e pensava o porquê não trabalhar aqui nesse lugar, o porquê não ser a pessoa entre o mundo dos cursos e as pessoas que moram aqui no entorno. Desde que a Fábrica nasceu, o propósito é dar oportunidade às pessoas que não têm o acesso tão fácil ao centro. Sou muito feliz com o que eu faço, podendo facilitar com que grupos novos venham desenvolver novos trabalhos de artes, aqui eles encontram o carinho de pessoas que querem ajudar a fomentar o sonho dessas pessoas.

Hoje, depois de tantos anos de Capão, de Fábrica, sou uma pessoa mais realizada, mas que vê inúmeros desafios, acho que isso é muito legal. Acho que você ver, que através de um trabalho, você consegue movimentar muita coisa bacana e, que ainda tem muita coisa pra fazer, os desafios vão fazer você se engajar, pra que as coisas realmente aconteçam. Então, hoje a Paula tem fome de fazer as coisas acontecerem.”

 São Paulo / SP

 Paula Blanco

 Rogério Padula



“Eu sempre trabalhei na área de segurança, fiquei dois anos e meio no exército brasileiro, depois trabalhei na vigilância privada e depois passei no concurso público na Guarda. Esses 20 anos foram interessantes, experiências em cima de experiências. Sabe, infelizmente tem muita gente que acha que o polícia não sente dor, não chora, mas são seres humanos. São gente como todos. É uma profissão que poucos escolhem. Hoje em dia, você ser polícia no Brasil tem que ter muita coragem, pelo índice de criminalidade e pela discriminação de hoje. Hoje, parece que se dá mais valor ao lado errado. Ser guarda numa cidade pequena como Valinhos é interessante porque temos uma relação muito próxima com os munícipes.”

 Valinhos / SP

 Bruno Lima Medeiros

 Tomás Cajueiro



“Tem gente que reclama quando vê índio usando roupa, óculos e outras tecnologias. Na verdade antigamente os índios guarani já não eram pelados, né? Usavam tanguinha. Só que hoje em dia a gente puxou de fora também esse tipo de calça, de camisa. Só que não é problema, a gente tem a nossa cultura no nosso coração. A roupa a gente pode ir trocando toda hora, mas a cultura, essa ‘tá’ ali e não muda.”

 Ubatuba / SP

 Alexandre S. Do Nascimento

 Tomás Cajueiro





“Tenho 22 anos, todos vividos aqui em Registro e mal criado em São Paulo. Vou pra lá de vez em quando, porque tenho família lá, tenho tias e parentes lá. Até gosto de lá e tudo mais, mas não troco Registro por São Paulo. Já pensei nisso e apesar da cidade ter tudo o que não temos aqui na questão de cultura, arte e oportunidades do conhecimento, eu prefiro Registro.

Aqui agora está crescendo, vieram instituições que têm dado oportunidade pra gente. Eu sinto falta de equipamentos culturais, porque sou muito interessado por essas coisas de cultura, sabe? Ainda não vivo disso, mas estou na correria pra isso. Organizo um sarau com um grupo de amigos, que reuniu vários conhecidos que tinham vontade de fazer algo pela cultura da cidade, mas não conseguiam fazer nada sozinhos. Juntos somos mais fortes, sabe? Eu mesmo escrevo poesias, ai além disso tem mais poetas, tem rappers, dançarinos de toda modalidade de dança, tem grupos de música. No momento, fazemos apresentações numa praça importante aqui da cidade, mas como ela entrou em reforma, acabou brecando nosso sarau.

Organizar um movimento artístico desse, dá muito trabalho, mais do que eu esperava. Eu era mais um que achava que trabalhar com arte e cultura era algo meio assim, de você ficar ali produzindo sua arte no seu próprio tempo, vivendo um mundo livre. Mas que nada, é um trabalho duro demais, com pouca grana e muita dedicação.

Mas acho que vale a pena. Busco com isso viver feliz, sabe? Poder trabalhar honestamente com algo que me faça acordar animado pra trabalhar e poder dormir bem, com o trabalho que eu fiz. Poder ser reconhecido como um trabalhador, até mais que só como artista. Que as pessoas entendam que isso é um suor e trabalho. É um trabalho que me deixa mais próximo de família e amigos, me dá tempo também pra viver, sabe? Um trabalho que me faça crescer, me formar uma pessoa melhor.”

 Registro / SP

 Guilherme Souza

 Tomás Cajueiro





“Meu nome é Ana Maria, tenho 35 anos e moro aqui na comunidade da Prainha. Quando eu tinha 8 anos de idade vivi uma das mais marcantes experiências da minha vida. Foi quando minha mãe, que não tinha conhecimento, educação e não tinha emprego, perdeu três filhos. Nós éramos em sete crianças, todos filhos dela e, além dessas sete crianças, ela tinha que tomar conta de casa, ir no mercado. Ser mãe, dona de casa e pai. Porque, claro, não tive pai na minha vida. Então, por uma denúncia não sei de quem, veio o conselho tutelar, levou três crianças nossas. Você acredita? O conselho levou nossos irmãos, três bebês, uma menina de 3 anos, a outra tinha 2 e um outro bebê.

Onde já se viu tirar os filhos da mãe, por mais que ela não nos desse conforto e tantas coisas materiais, ela nos dava todo carinho que ela podia dar. Aí o conselho levou meu irmãos e dilacerou o coração da minha mãe e os nossos. Isso gerou mais complicação na vida da minha mãe, ela entrou em depressão, ficou muito doente e finalmente veio a óbito. Adiantou? Aí ficaram vários filhos sem mãe! Os quatro que o conselho não levou, quem criou foi meu vó e minha vó.

Graças a Deus nós quatro somos muito unidos. Sou só eu de mulher... As outras duas o conselho levou! Já tentamos de várias formas encontrar eles, hoje em dia eles já estão quase na faixa etária adulta deles, a Paula mais velha deve ‘tá’ com seus 22 anos. A gente tem muita vontade de encontrar eles, é o nosso desejo de se reunir, a gente só tem o desejo de reunir, pra eles saberem que não foi minha mãe que os abandonou, que eles só estão lá devido a minha mãe não ter estudo, ser analfabeta. Gostaria de salvar a memória da minha mãe, gostaria de fazer eles saberem que a gente ‘tá’ aqui, que somos juntos.”

 Guarujá / SP

 Ana Maria

 Tomás Cajueiro





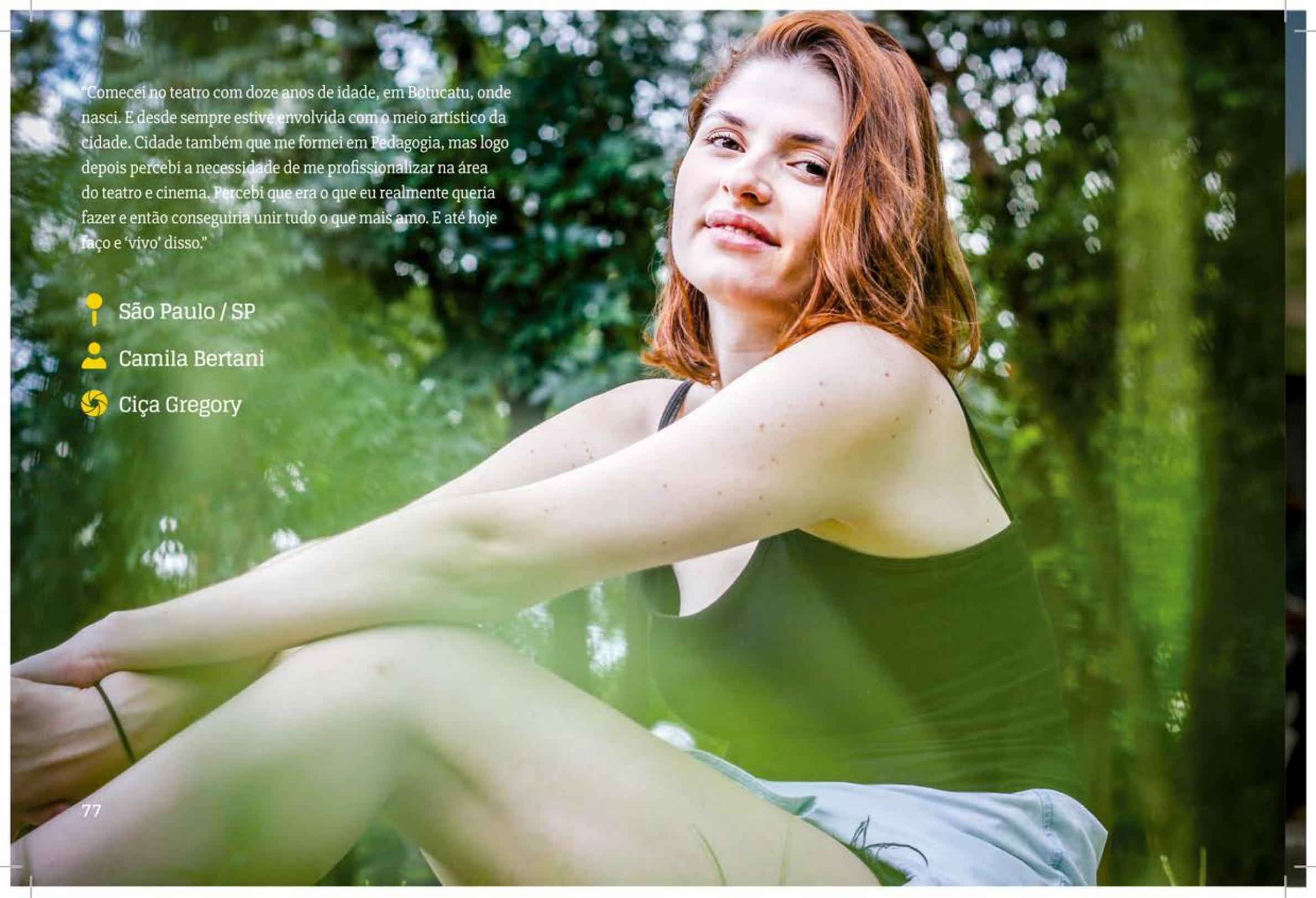
"A vida na infância era muito difícil, passei fome mesmo. Eu comia o resto da padaria, no outro dia eu tinha que acordar cedo, juntar ferro velho pra vender e tomar café de novo. Pra mim, ser muito rico era fazer o que alguns amigos faziam: ir no mercado e comprar as coisas. Minha mãe não, era tudo fiado. Uma vida limitada. Hoje com 30 anos, eu tenho medo de rato. Tenho medo de rato porque com 10 anos os ratos também não tinham o que comer e me mordiam na cama. Eles roubaram sabão em pedra da casa da minha mãe, que era só o que eu tinha. Apesar dessa parte triste, eu tive uma parte muito gostosa. Sobretudo quando eu me juntava com meus amigos na rua. Eu era o cara que tomava banho, era o cara que comprava bolacha e dava pra todo mundo pra ninguém me bater. Mas por outro lado eu conseguia ser feliz brincando. Eu aprendi a ser feliz na tristeza. Fui obrigado, não tinha opção. Eu trouxe muitas coisas da minha adolescência pra hoje, meu apelido mesmo é Ratinho, porque eu corria muito nas brincadeiras. Depois que todo mundo pegou apelido, meu irmão foi chamado de Topanga por causa de um programa de TV. Aí, por um momento, os meninos começaram a me escutar mais, começaram a aceitar o que eu opinava, por exemplo nas coisas que me machucavam, então eu comecei a ter espaço pra falar.

Aí veio a adolescência, a rebeldia. Comecei a vacilar, querer o básico. Minha mãe trabalhava, sustentava os 8 filhos sozinha. Ela veio pra São Paulo porque o filho dela foi roubado dos braços dela, então eu entendo que minha mãe tivesse medo de viver com homem. Por causa da decisão dela, de viver sozinha, a gente teve dificuldades, eu não aceitava isso. Comecei a pensar na possibilidade de roubar. Quando chegou na adolescência eu comecei a me influenciar. Isso foi contaminando meu caráter aos poucos. Eu era o cara que roubava bolacha no mercado, com a mentalidade que 'tava' acertando, pois eu só queria que meus irmãos comessem bolacha. Eu fedia, as meninas não chegavam perto de mim, então eu roubava o perfume do mercado. Isso foi alimentando a destruição, cheguei no ponto de andar com moto roubada e fui preso. Agora, por incrível que pareça, na FEBEM eu tinha tudo. Lá dentro eu tinha o que eu não tinha do lado de fora, eu não tinha minha liberdade, mas tinha alimentação, tinha uma cama, eu dormia sozinho. Mas eu sentia falta do carinho da minha mãe e comecei a enxergar que eu precisava mudar. Fiquei preso em regime fechado um mês, no semiaberto eu ficaria três meses. Eu estudava, chegava no horário certo, fazia curso, minhas notas arrebatando, fiz tudo, por isso saí com dois meses. Saí antes do tempo que me deram pelo meu esforço. Foi algo que trouxe para minha vida: tudo que eu fizesse de certo, daria certo também. Me inscrevi em um curso de cabelereiro, comecei a me envolver com o grafite e ganhar meu dinheiro para ter as coisas. Arrumei um emprego no bar, deram oportunidade pra eu trabalhar. Eu sofri muito por causa da passagem, eu era o ex-presidiário, eu tive que provar pra mim mesmo que aquilo não fazia diferença na minha vida. Não foi fácil. Mas coloquei na minha cabeça, que todo mundo tem as coisas porque trabalha, então resolvi trabalhar. Hoje construí muita coisa. Por isso, comecei a me preocupar com a parte social. Como eu não tive nada na infância, eu fazia as festas pra todo mundo. Ninguém sabia da minha história e eu fazia questão de ver uma criança podendo comer. Eu encontrei a felicidade quando eu vi que precisava praticar o bem."

 São Paulo / SP

 Ricardo Ferreira de Miranda

 Rogério Padula



“Comecei no teatro com doze anos de idade, em Botucatu, onde nasci. E desde sempre estive envolvida com o meio artístico da cidade. Cidade também que me formei em Pedagogia, mas logo depois percebi a necessidade de me profissionalizar na área do teatro e cinema. Percebi que era o que eu realmente queria fazer e então conseguiria unir tudo o que mais amo. E até hoje faço e ‘vivo’ disso.”

 São Paulo / SP

 Camila Bertani

 Ciça Gregory

“Meu nome é Paulo César Zuliani e tem uns 15 anos que eu trabalho com pecuária de leite. Tudo começou por incentivo do meu sogro, apesar que eu já gostava também. Mas sabe aquela coisa que você gosta, mas não tem coragem de começar? Eu tinha uma tapeçaria, arrendei um pedaço de terra, comecei comprando uma vaca, duas, uma égua e hoje vivo disso!

Não vou falar que é fácil, não. O leite é complicado porque o lucro é muito pouco, o gasto é muito alto com ração. Pensa que antigamente o leite era preço de óleo diesel, antigamente você comprava um litro de óleo diesel vendendo 1 litro de leite. Hoje em dia não dá nem com três de leite pra um de óleo diesel. Aí fico tentando estimular os jovens a continuar, mas é muito difícil. Minhas filhas mesmo, eu gostaria que uma das duas continuasse com esse trabalho, mas acho que não vai rolar. Elas querem uma vida melhor. Uma tem 21 anos, a outra tem 16. No ano que vem uma se forma em biomedicina e a outra agora vai prestar medicina em Rio Preto. Por isso acho que nenhuma vai engrenar nosso trabalho.”

 Araçatuba / SP

 Paulo César Zuliani

 Tomás Cajueiro





“Conhecer o chá eu conheci com cinco anos. Porque o meu pai trouxe uma muda, uma semente de chá não sei de onde! Ele semeou na areia e esse chá começou brotar! Então o meu pai me deu uma latinha e disse “Agora você vai ‘escoiê’ os broto e ‘colocá’ nessa latinha.” Isso eu lembro muito bem! Eu tinha cinco anos. Depois meu pai abriu uma fábrica de chá, né?! Claro que até chegar nesse ponto meu pai sofreu muito! Mas chegou nesse ponto. Ele fez uma fábrica de chá! Aí eu sempre ajudava, porque eu sou a caçula, né?! Meu pai gostava muito de mim, então sempre acompanhava ele. Eu sempre tinha um servicinho pra ajudar ele! Foi assim que conheci o chá. Foi assim!

Um momento importante foi quando a fabrica aqui da região parou de comprar nosso chá. Foi do nada, um dia que fomos lá e eles falaram bravos que não iam mais querer nosso chá. Foram bravos, sabe ! Estupidamente bravos. Quando cheguei em casa abracei o pé do chá e chorei! Chorei e fiquei preocupada, porque como é que a gente ia sobreviver? Era o chá que matinha esse sitio. Depois disso, o chazal ficou meio abandonado. Você passava e só enxergava mato coberto assim! Olhava aquilo com tristeza e pensava E agora, o que eu vou fazer? Fiquei muito triste!

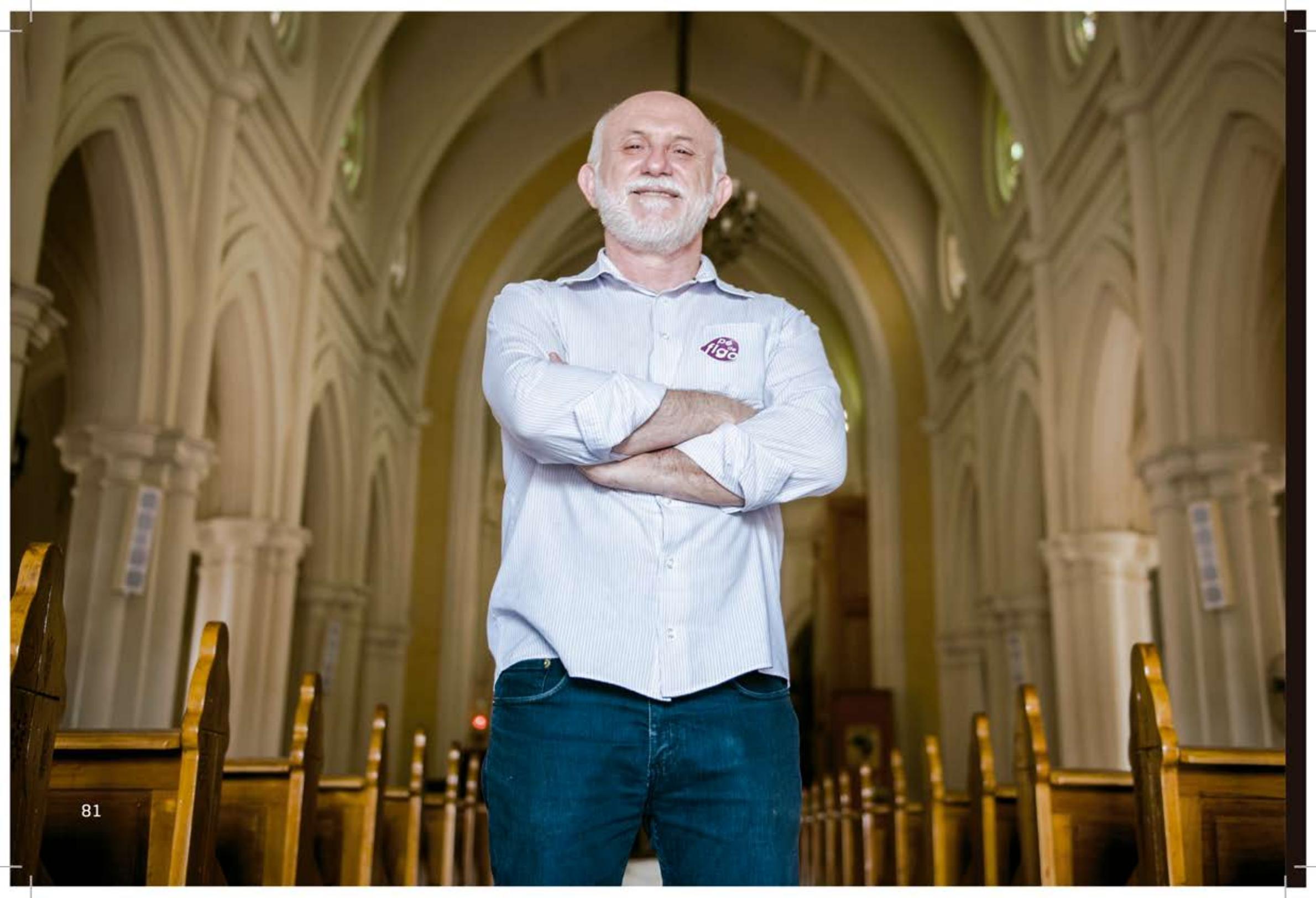
Ai apareceu um japonês junto com meu filho que falou de uma máquina de chá que estava abandonada no ferro velho. Eu não tinha todo dinheiro, então compramos meio a meio, eu paguei uma metade e ele a outra. Não paramos de crescer! Meus filhos me ajudam e juntos vendemos chá em São Paulo, já sai em um revista e fui até o Japão!”

 Registro / SP

 Ume Shimada

 Tomás Cajueiro





“A casa onde vivi minha infância e juventude, em Valinhos, fica na Rua Itália e tem os seus fundos voltados para a Igreja Matriz de São Sebastião, então é impossível não ter gravado na memória a lembrança do relógio da igreja, batendo de hora em hora e o repicar dos sinos convidando os fiéis para as celebrações. Mais que uma crença religiosa, as incríveis paredes da igreja e os seus belíssimos vitrais formam um ambiente de silencioso mistério e trazem para a alma da gente paz, muita paz, carregado de energia da história de muitos valinhenses que por ali passaram.

Era uma aventura para a molecada da rua, acordar bem cedo e pegar a primeira missa dominical, às seis horas da manhã, celebrada pelo padre americano, Dom Martinho, figura carismática, talvez justamente por ter um português quase incompreensível.

Na igreja do mártir São Sebastião, fui batizado, penei nas cabines do confessionário, fiz a primeira comunhão, casei, apresentei homilias da Campanha da Fraternidade e participei de debates de eleições municipais. À frente da Matriz, o Largo São Sebastião foi palco de comício da Marcha da Família Com Deus Pela Liberdade e lá estava eu, entre os adultos que não sabiam direito o que estava acontecendo naquele fatídico ano de 1964. O local também foi palco de procissões da Semana Santa, emocionadas com as canções chorosas da Verônica, diante da Paixão de Cristo, além de receber as primeiras edições da Festa do Figo. Por isso, ser fotografado neste belo e histórico cenário, retrata a emoção de ser um Pé de Figo Sim Senhor.”

 Valinhos / SP

 Heriberto Pozzuto

 Tomás Cajueiro

"Me chamo Joana Maria dos Santos Rocha, vou fazer 54 anos agora no final de abril. Sou de Guarará e vim aqui fazer tratamento. A gente é bem atendido, eu gosto muito do atendimento deles. O meu grande desafio é não poder andar, depender das pessoas. Mas eu 'tô' feliz, 'tô' contente. Cada um aqui tem uma missão pra cumprir, já que Deus nos deu a vida temos que lutar e não desanimar. Normalmente quando temos algum problema a gente já desanima, tudo que temos aqui foi nosso Deus que deixou, então eu não 'tô' triste não.

Tenho meus problemas desde criança, já operei 14 vezes lá em Marília, a última que eu fiz foi da mão, não deu certo e falei que não ia mais mexer. Deixa Deus trabalhar, tenho Deus na minha vida e até o dia que Jesus quiser eu 'tô' aqui. Tem dias que a gente acorda de noite, eu quero limpar minha casa, quero fazer as coisas, mas não posso... Aí você não acha um filho de Deus pra ajudar, então ficou eu, Deus e meu esposo lá, a família dele também mora lá. Uma pessoa que vai lá me ver muito é meu pai, ele já tem 82 anos e sempre vai me ver, e mora longe, hein?

Eu sou muito feliz, sabe? Não tenho desânimo na vida, se Deus colocou eu aqui é porque a gente precisa ter um caminho pra seguir, e o caminho é só Jesus, Jesus nosso Deus é nosso pai. É a mesma coisa de você querer um caminho bom pro seu filho, Deus é assim com a gente, ele mostra o caminho pra gente, a gente tem que ir no caminho de Deus."

 Araçatuba / SP

 Joana Maria dos Santos Rocha

 Tomás Cajueiro



“Vivi uma experiência curiosa com fotografia esses tempos atrás. Eu ‘tava’ andando na 13 de Maio em Campinas e daí chegou em mim um fotógrafo e perguntou se podia fazer uma sessão de fotos, para um trabalho que, basicamente, era um projeto que buscava pessoas que não entravam tanto no ‘padrão tradicional da personalidade campineira’. Acabei perguntando pra ele se eu era estranho, ele acabou não conseguindo desmentir e assumiu que o objetivo do projeto era tirar fotos de pessoas estranhas em Campinas. Devo dizer que de certa forma eu me sinto um pouco fora do padrão, pelo simples fato de não buscar um padrão. Eu não tenho essa preocupação de ser alguma coisa, eu busco mais um caminho que vai aparecer na frente sem ter uma meta muito distante. Tenho contato diário com pessoas que vivem fora desse chamado ‘padrão’. No meu trabalho, no universo circense, você tem que se destacar de alguma forma porque, sobretudo na rua, é uma relação maluca. É essa busca do diferente que traz a visão pro movimento de rua e o que faz ele continuar em forma.

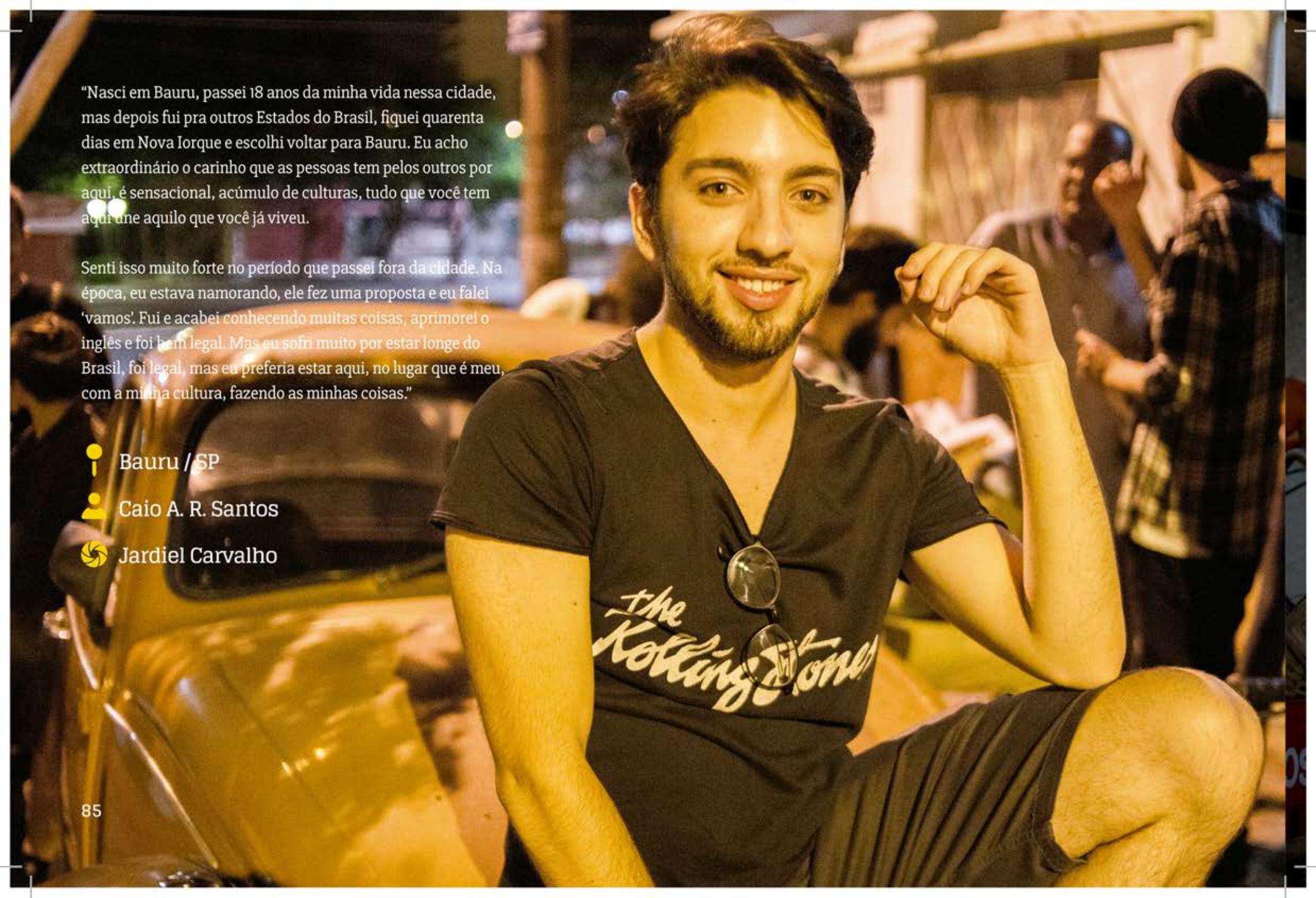
A gente vive num Estado bastante conservador, se você ‘tá’ na rua primordialmente você é um vagabundo. O que é diferente vira uma coisa marginal, existe um preconceito muito grande e também por causa disso você acaba se enquadrando em perfis de pessoas que também não são tão formais.”

 Bauru / SP

 Nicholas Montolar Sparovech

 Tomás Cajueiro





“Nasci em Bauru, passei 18 anos da minha vida nessa cidade, mas depois fui pra outros Estados do Brasil, fiquei quarenta dias em Nova Iorque e escolhi voltar para Bauru. Eu acho extraordinário o carinho que as pessoas tem pelos outros por aqui, é sensacional, acúmulo de culturas, tudo que você tem aqui une aquilo que você já viveu.

Senti isso muito forte no período que passei fora da cidade. Na época, eu estava namorando, ele fez uma proposta e eu falei ‘vamos’. Fui e acabei conhecendo muitas coisas, aprimorei o inglês e foi bem legal. Mas eu sofri muito por estar longe do Brasil, foi legal, mas eu preferia estar aqui, no lugar que é meu, com a minha cultura, fazendo as minhas coisas.”

 Bauru / SP

 Caio A. R. Santos

 Jardiel Carvalho

“Vou falar pra você, mas não vale rir não, hein. O sonho que eu ainda não realizei é saber dirigir um carro! Já matei sardinha, corvina, agora eu ‘tô’ pescando camarão. Mas não sei dirigir um carro. Já tentei uma vez, aí repeti e nunca mais tentei! Será que meu sonho já ‘tá acabado?”

 Ubatuba / SP

 Jorge dos Santos

 Daniel Arroyo





“No ano 2000 eu comecei a conhecer a questão da cultura popular. Essa caminhada de uns dezessete anos pela cultura tem sido muito boa. Conheci muitas coisas, fui pra muitos lugares. Ainda mais porque eu permeio no meio da cultura, quando dos Urucungos, quando da Capoeira, quando do Jongo. Eu não sou assim, de uma cultura. A cultura tem várias expressões, vários ritmos e várias casas.

A nossa cultura popular é muito importante, muito rica em várias formas e fruto de várias misturas. Mistura do jongo, das cirandas, do coco, do maracatu, tudo isso é uma junção. Eu gostar muito dessas coisas faz com que eu vá atrás, procure. Se tem uma roda de coco num outro lugar, se eu ficar sabendo, eu vou lá, eu deixo de fazer outras coisas pra ir lá, essas coisas me puxam.

Minha vida sempre foi dedicada a isso. Antes de conhecer essa coisa cultural, eu sempre estive no meio da capoeira. Eu tinha uns 19 anos quando entrei num grupo de capoeira. Isso em 79, logo depois que eu saí do exército. Quando conheci a capoeira eu não consegui mais sair desse meio. Como a capoeira tem um pouco da cultura do samba de roda, da puxada de rede, tudo isso acaba fazendo com que você vá ficando e conhecendo outras expressões. Fui ficando nesse mundo, o tempo foi passando, casei, separei, aconteceram muitas coisas, mas eu nunca consegui sair desse meio da cultura, e cada vez eu entro mais.”

 Tomás Cajueiro

 Campinas / SP

 Wandir Gomes Barbosa





Aprovação
do PL 130/11 já!!!



**SALÁRIO IGUAL PARA
TRABALHO IGUAL!**

“Sou Neuza Maria Vicente, 64 anos, moradora de Paraisópolis há mais de 30 anos. Nasci em Presidente Prudente, vim pra Paraisópolis há quase 40 anos. Vim porque meu irmão morava aqui, eu pagava aluguel e, na época, ‘tava’ caro. Então tinha um espaço aqui e ele cedeu. Fiz um barraquinho e ‘tô’ até hoje. Quando eu vim pra cá, eu vim morar no centro de São Paulo, tinha muitos amigos, morava em apartamento. Aí quando mudei, comecei a ter a dificuldade por morar em Paraisópolis, por ser favela. Começou o preconceito, fui perdendo emprego. Fiquei muito chateada mas fui lutando, mudei de emprego, fiquei doze anos em outro local, em Moema. Uma grande dificuldade de transporte, até que chegou em 2002, eu consegui entrar pra trabalhar na comunidade, fui trabalhar no Einstein e aí me estabilizei um pouco. Ficou mais fácil, porque agora eu trabalho e moro aqui. Sou agente comunitária de saúde. Eu trabalho com a comunidade, fora isso eu sou liderança comunitária, sou bem interativa.

Mas tenho um sonho. Eu sou frustrada porque não formei em advocacia. É uma área que é meu desejo, meu sonho. Mas é caro e meu ganho nunca deu pra isso, até entrei numa faculdade, mas também ficou caro pro meu salário, então tive que trancar. Era de assistência social, só que de fato, a frustração é de não ter sido advogada. Quem sabe um dia!”

 São Paulo / SP

 Neuza Maria Vicente

 Rogério Padula



“A gente era acostumado a trabalhar, não achava difícil, era gostoso. A gente frequentava a escola e quando chegava tinha que almoçar e capinar arroz, feijão. Tudo descalço, não tinha nada pra colocar no pé não, e coitada, minha mãe que morreu cedo demais era muito trabalhadeira, povo honesto a vida inteira. Só que depois que ela morreu teve a separação, e você sabe que as ideias das pessoas nunca dão certo.

Cada dia que passa, tem gente que fala que o mundo ‘tá’ ruim, eu acho que o mundo ‘tá’ bom, quem ‘tá’ ruim é o povo que não sabe aproveitar direito. Hoje com a evolução que tem, principalmente o telefone, você se comunica fácil, tem carro, na época pra gente ir na Semana Santa tinha que arrear 3 cavalos com garupa, travesseiro, criança no braço. Hoje de carro a pessoa não vai porque acha difícil! Ao invés de reclamar tem que olhar pra trás, tem que olhar o que o pai sofreu pra adquirir. Quanto seus antepassados lutaram pra você ter o que tem hoje.”

 Santo Antonio da Alegria / SP

 Antonio Carlos de Souza

 Rogério Padula



"Muita gente assusta, mas esse pra mim é um trabalho normal. Hoje é muito mais seguro do que no passado. Claro, fisicamente é desgastante, mas assim como muitos outros trabalhos. As pessoas acham que é um trabalho escravo, que estamos aqui por desespero. Mas não é nem um nem outro. É um trabalho digno, e isso é o que conta."

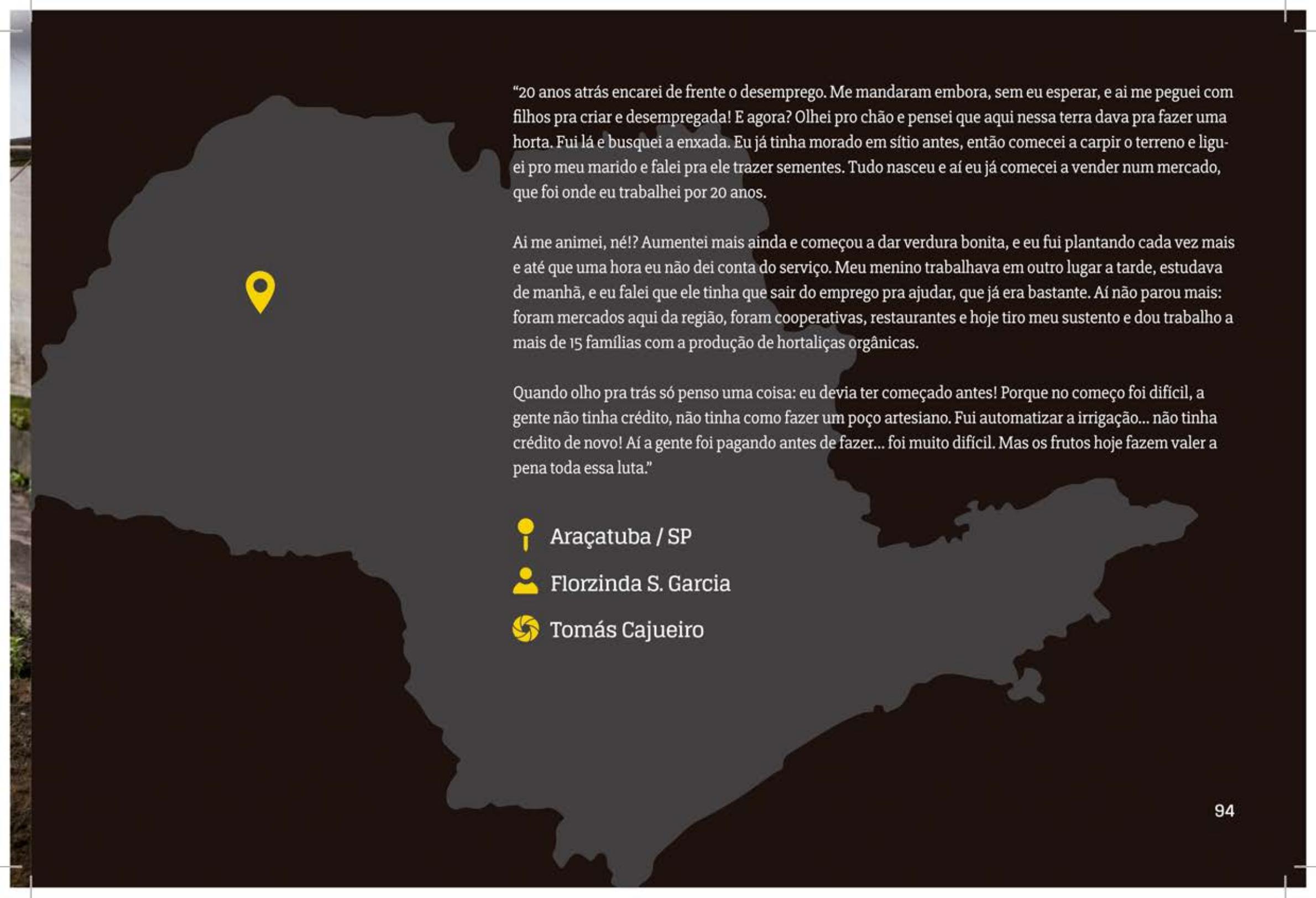
 Presidente Prudente / SP

 Severino Silva

 Jardiel Carvalho







“20 anos atrás encarei de frente o desemprego. Me mandaram embora, sem eu esperar, e aí me peguei com filhos pra criar e desempregada! E agora? Olhei pro chão e pensei que aqui nessa terra dava pra fazer uma horta. Fui lá e busquei a enxada. Eu já tinha morado em sítio antes, então comecei a carpir o terreno e liguei pro meu marido e falei pra ele trazer sementes. Tudo nasceu e aí eu já comecei a vender num mercado, que foi onde eu trabalhei por 20 anos.

Aí me animei, né!? Aumentei mais ainda e começou a dar verdura bonita, e eu fui plantando cada vez mais e até que uma hora eu não dei conta do serviço. Meu menino trabalhava em outro lugar a tarde, estudava de manhã, e eu falei que ele tinha que sair do emprego pra ajudar, que já era bastante. Aí não parou mais: foram mercados aqui da região, foram cooperativas, restaurantes e hoje tiro meu sustento e dou trabalho a mais de 15 famílias com a produção de hortaliças orgânicas.

Quando olho pra trás só penso uma coisa: eu devia ter começado antes! Porque no começo foi difícil, a gente não tinha crédito, não tinha como fazer um poço artesiano. Fui automatizar a irrigação... não tinha crédito de novo! Aí a gente foi pagando antes de fazer... foi muito difícil. Mas os frutos hoje fazem valer a pena toda essa luta.”

 Araçatuba / SP

 Florzinda S. Garcia

 Tomás Cajueiro



“Rua dos Amarílis, 233, minha casa atelier, é onde passo a maior parte do meu dia. Meu mundo encantado tem mais que apenas quatro paredes, cobertas por um telhado. Com pé direito, ora mais alto que o comum, ora de altura normal, retêm penduradas parte das telas do meu acervo.

Canso de ouvir pessoas dizendo como é aborrecido, entediante passar a maior parte do tempo dentro de casa. Sinto e penso justamente o contrário. É na minha casa atelier que minhas viagens imaginárias têm seu ponto de partida. Às vezes acontecem na vida real, outras vezes se perdem na intenção. Outros mundos, outras terras, costumes, climas, cores, sentidos conseguidos e vistos nas viagens reais, enriquecem minha fantasia.

Aqui no meu espaço, crio meus personagens e, quando não se perdem nas minhas divagações, eternizam-se nas telas penduradas nas paredes de minha casa atelier, ou em outras paredes de outras casas mundo afora. Subindo a escada que me leva ao meu cantinho favorito, para lá me recuperar do cansaço físico, ou embaralhamento de ideias, ou por ela descendo após noite bem dormida, ou breve repouso, as tintas e os pincéis são as ferramentas propícias e eficientes para eternizar minha criação ou fantasia.”

 Valinhos / SP

 Jerci Maccari

 Tomás Cajueiro





"Ingressei na antiga FEPASA em 1983 e trabalhei por 3 anos como eletricitista de locomotivas. Logo após isso, eu recebi uma promoção e uma proposta pra ir para mecânica, apesar de não ser mecânico, eu aprendi na raça e fiquei mais de 15 anos. Foram anos muito bons, nos quais aprendi a respeitar o trem e a ferrovia. Até que eu prestei um concurso aqui na prefeitura de Bauru pra ser foguista. Foguista! Não sabia nem o que era, mas entrei no trabalho e aprendi muito! Foguista é aquele que deixa a locomotiva a vapor pronta pra funcionar. Então eu faço toda a manutenção da caldeira, limpo a caldeira, destruo os dutos, alimento com lenha, 'ponho' fogo, controlo nível de água, controlo pressão, deixo pronta pra andar.

O trem é algo importante. Bauru e a região, hoje, são o que são devido a ferrovia. Ela trouxe as pessoas que deram vida a Bauru. Ver hoje tudo largado é um motivo de grande tristeza! Não só pelo fato do Brasil ser um país com dimensões continentais e os nossos governantes terem abandonado a ferrovia por interesses próprios, mas por ser um resumo do Brasil. Nós estamos tendo muitas dificuldades no Brasil ainda hoje, devido a interesses próprios e corrupção. A ferrovia foi perdendo até o ponto que não teve como defendê-la e ela ficou ao abandono, sendo que se ela tivesse funcionando, muitas coisas seriam muito mais baratas, o frete é mais barato. As pessoas de baixa renda teriam oportunidade de viajar com mais frequência, já que era mais barato os bilhetes da ferrovia. É com grande tristeza que eu vejo. Mas a preocupação maior, e meu incentivo, é preservar o que a gente conseguiu, preservar porque temos a responsabilidade aqui no Museu de passar pra novas gerações. Todo dia a gente recebe escolas, nós recebemos entidades aqui e nós explicamos tudo isso que eu 'tô' dizendo aqui. Eles ficam loucos, quase toda criança aqui tem um parente ferroviário porque a vocação da cidade é ferrovia, né? Engraçado como morreu o trem, mas não morreu o carinho da cidade pelo trem, doido né?"

 Bauru / SP

 Marcos Luiz de Souza

 Tomás Cajueiro





“A arte nos uniu, a música dele, as artes visuais minhas. Acho que essa sensibilidade que acabou nos unindo, apesar de linguagens diferentes. A sensibilidade de enxergar o mundo, ele através da música, eu através dos desenhos, das cores. A gente acabou unindo uma coisa à outra e fizemos a Clara.” (Ela)

“Realmente, a arte uniu a mim e a Fernanda de uma forma bastante intensa, até porque nós já nos admirávamos previamente. A partir disso, quando nós nos encontramos e reconhecemos esse sentimento um pelo outro, a construção foi cada vez mais intensa. Nós estávamos (passando) por um processo bastante parecido e parecia que uma coisa completava a outra, a pessoa Fernanda completava a pessoa Márcio e isso me deu cada vez mais segurança de acreditar nesse relacionamento. A partir daí, nós tivemos o maior presente e a maior obra de arte que nós poderíamos construir na vida: a nossa filha Clara, que é uma luz esplêndida, que veio pra trazer um monte de ensinamentos e responsabilidades, em termos sabedoria para conduzir a vida dela. Tudo envolvido pela arte, tanto eu pela música e pela poesia, quanto a Fernanda pelos traços, pelas cores, pelas tecnologias, e ambos pela criatividade e pela verdade com que nós produzimos a nossa arte.” (Ele)

 Araçatuba / SP

 Márcio Kadá e Fernanda Russo

 Jardiel Carvalho

“Marcelo, 46 anos, moro na Vila Mariana, mas sou do mundo. Morei um período na rua. O que me levou pra rua foi a cabeça fraca de quando eu era novo e devido a certos vícios que eu tive com drogas, na época que eu era novo. Graças a Deus eu me libertei disso, mas eu perdi muita coisa, perdi emprego de 5 mil, de 10 mil. Cabeça fraca, sabe? Falta de responsabilidade, eu sabendo que tinha que trabalhar no outro dia, ia pro quarto com sete ‘minas’, oito ‘minas’. Eu ganhava bem, eu era rico, eu era mais ou menos igual o Neymar, então eu não ia pegar uma mulher só. Eu pegava um monte de uma vez. Só que isso traz consequências, no outro dia você gastou sua riqueza, você gasta seu salário em quatro dias.

Na minha visão, viver na rua é uma pessoa que perdeu tudo, é tipo uma coisa triste, é tipo o Neymar morando na rua. As condições é muito triste. Hoje durmo no hotel, pago a diária. Mas antigamente eu dormia na rua mesmo, na frente do Bradesco, normalmente lugar filmado pra ninguém me roubar e nem mexer comigo.”

 São Paulo / SP

 Marcelo Paes

 Daniel Arroyo



“A coisa melhor de trabalhar num parque como esse é lidar com pessoas, sabe? Estar em um espaço onde as pessoas vêm pra se divertir, e por isso estão alegres, é o aspecto que mais gosto do meu trabalho.”

 Indaiatuba / SP

 Antonio Gonçalves da Silva

 Tomás Cajueiro





“Tem algo que me surpreende: as pessoas que saem daqui da nossa terra, passam um tempo fora e querem voltar pra cá como turista. É impressionante, a maioria volta como se viesse a turismo. Volta de carrão, encosta, e começa: “olha que legal que vocês estão fazendo”, “trouxe uns colegas aqui pra conhecer o que vocês fizeram”. Tratam nossas coisas, que são as coisas deles também, na terceira pessoa, como se eles não fossem parte disso tudo aqui. Eles não se auto denominam como caiçara. Sabe o que é melhor? É tudo carro financiado, tudo dívida, paga aluguel, ô meu, não dá pra entender!

Eu não, eu defendo e tenho orgulho da minha cultura. Eu defendo a minha música. Tem muita gente que fala assim “porra, esses caras ganham dinheiro com fandango direto que não sei o quê”, eu posso dizer que eu ganho sim dinheiro com fandango hoje em dia. Eu construo meus instrumentos, eu me preparo, eu trabalho, eu me apresento, faço apresentação musical.

Na verdade tem algo que é importante: não faço fandango quando estou em turnê, faço é apresentação musical. Isso pra mim não é fandango, mas é uma apresentação de fandango com a qual eu ‘tô’ apresentando como que o fandango é. Fazer fandango é aqui no sítio, fazer fandango é juntar toda a galera, todo mundo se revezar, “vamo tocá?”, isso é fandango pra mim. Fandango são amigos, família, cultura.”

 Iguape / SP

 Cleiton P. Carneiro

 Tomás Cajueiro





“Não sei se prefiro balanço ou bicicleta. Será que dá pra balançar de bicicleta?”

 Bauru / SP

 Gustavo Henrique Ferreira Tavares

 Tomás Cajueiro



“Sou José Carlos Pereira, gosto de duas coisas: teatro e jogar bola. Gosto quando as pessoas batem palma no espetáculo do teatro. Gosto das risadas do futebol.”

 Valinhos / SP

 José Carlos Pereira

 Tomás Cajueiro



“Eu frequento o CAPS, eu faço tratamento de saúde aqui, de saúde mental. Me chamo Maria Elisabeth Aguiar e tenho 47 anos. Antes eu morava em Munique. Aí eu trabalhava na Alemanha e também sou Missionária Pastora e, por isso, um dia eu fui para Israel, fui fazer um trabalho missionário lá. Aí tentaram me matar e eu fiquei impressionada né? Senti aquela pressão sobre mim, então eu fiquei com esse distúrbio. Quando eu voltei pra Alemanha eu tive que ser internada numa clínica psiquiátrica, porque o trauma que eu tive foi muito grande. Eu sou cristã e os muçulmanos descobriram, e aí eles me cercaram, um monte de homens me cercaram, porque nas lojas lá não trabalham mulheres, só trabalham homens. Aí um monte de homens me cercaram, tudo armado, com paus, com pedras, e queriam me matar por eu ser cristã, mas aí Deus, que eu acredito, me deu o livramento. Eles desistiram, eu assumi e eu falei ‘Eu sou cristã mesmo. Vocês são muçulmanos e a gente não faz nada contra vocês, por que vocês querem me prejudicar?’ Aí eles pararam, eu acredito que foi intervenção divina, na verdade, porque eles estavam com muito ódio. Aí eu fiquei internada na Alemanha, aí eu tive que retornar para o Brasil, acabou o meu dinheiro lá, não conseguia trabalhar, então eu tive que retornar para o Brasil pra usar o SUS aqui. Aqui é onde está a minha família. Bom, aí eu fiquei por aqui, o CAPS tinha sido aberto, e eu fiquei fazendo tratamento aqui, onde eu me encontro até hoje, fazendo tratamento de saúde aqui.

A minha vida lá na Alemanha era muito boa, ganhava muito dinheiro, trabalhava muito. Lá se ganha por hora então eu aproveitei que estava lá pra trabalhar bastante, pra juntar dinheiro, pois eu queria comprar um apartamento aqui. Eu vivi a minha vida trabalhando muito, e passado algum tempo eu já não queria mais retornar para o Brasil, falei: vou ficar morando aqui mesmo. E aí então, eu programei a minha vida pra morar lá, eu vinha duas vezes por ano ao Brasil visitar a minha família, mas eu programei a minha vida pra morar lá. Eu vivi uma vida muito nobre lá, muito boa mesmo lá, até que eu fui para Israel. Eu evangelizava, eu abri uma igreja lá, onde não tinha igreja, e foi muito bom tudo pra mim lá.”

 Campinas / SP

 Maria Elisabeth Aguiar

 Tomás Cajueiro



“Estou aqui nessa fazenda há muitos anos e tem sido uma experiência fascinante. Durante muito tempo, foi exclusivamente pecuária, durante 22 anos. Agora, há uns sete anos, começamos a trabalhar também com banana. Vejo dois grandes desafios: a responsabilidade ambiental e a necessidade de superar barreiras culturais. No primeiro caso, é uma aplicação trabalhosa. Não vou falar que é fácil seguir todos regulamentos, mas te afirmo, no entanto, que a gente também consegue enxergar a enorme importância que isso tem. O Código Florestal é mais que uma lei, é um texto que em 20 anos pode recuperar o passivo ambiental de um país e isso é maravilhoso! Por isso, abraçamos muito esses objetivos para superar os desafios dessa aplicação e termos os bons resultados dessa legislação.

Agora esbarramos na segunda questão, que são as barreiras culturais que muita gente ainda tem. A gente tem compreensão das questões sociais, ambientais e de produção, procuramos não só fazer, mas ensinar a fazer isso da forma correta, da forma adequada! Agora, em especial focado no Vale do Ribeira, tem uma questão cultural, sim. Falo da dificuldade do produtor em assimilar novas técnicas e novas tecnologias. É uma grande pena e isso tem que ser trabalhado. Eu acho que isso é um papel da ABAVAR e a ABAVAR tem desenvolvido esse papel. Acho que é um instrumento importante do produtor e de melhorar a absorção de novas técnicas e tecnologias pelo produtor!

É um trabalho lento, mas a gente prova que todo ano que isso é possível, sim! Como? Tendo uma produção de maior qualidade e maior quantidade que o pessoal sempre teve. Eu tenho notado que nos últimos dois anos e meio uma massa de produtores têm começado a se preocupar. Preocupados e enxergando que aplicar técnicas adequadas e novas tecnologias, melhora a produção dele. Nem sempre o jeito da tradição é o melhor jeito, não é?”

 Jacupiranga / SP

 Silvio Guatura Romão

 Jardiel Carvalho



“A tradição de folião é uma coisa que eu gosto desde criança, eu sempre adorei, adoro e não deixo a tradição. Uma tradição pra mim é algo de grande importância, de grande valor. Afinal, a gente criou-se naquilo e viu o pessoal mais antigo tocar, fazer ali bem perto da gente. Foi nela que nos formamos. Então, cada nota tocada mexe dentro da gente e traz lembranças daquela emoção do pessoal, que já passou pela vida, que a gente viu, conheceu. Só quem tem tradição sabe o que é isso. E o que eu gosto da tradição.”

 Ubatuba / SP

 Manoel Moisés

 Daniel Arroyo



"Me chamo Edson César Zeulle, 56 anos. Faz um ano que trabalho aqui com Laranja. Antes, eu era vendedor de trator, nós tivemos essa crise e a coisa ficou difícil. A cobrança é grande nas vendas, se não vender... Você sabe. Além disso, aqui é uma coisa gostosa trabalhar, trabalho com pessoas boas. Aqui encontrei a liberdade, liberdade de espaço, liberdade e vida. Eu prefiro ficar aqui hoje em dia, não volto pras vendas não."

 Nova Granada / SP

 Edson César Zeulle

 Tomás Cajueiro

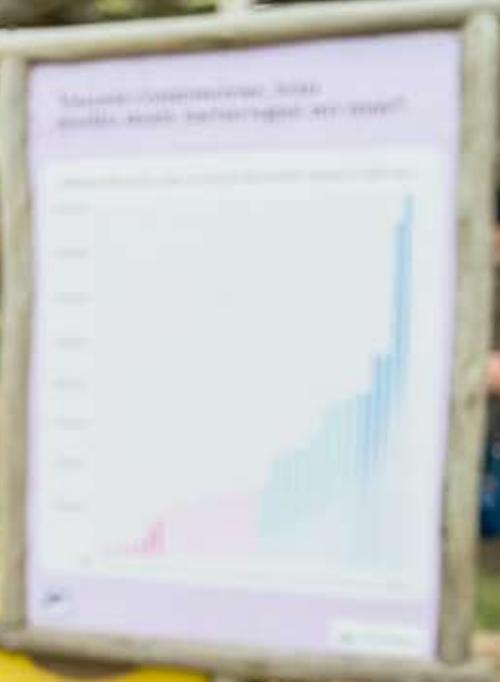




BR
PETROBRAS

BR
PETROBRAS

PROJETO TAMAR
35 ANOS



"Meu nome é Bruno Amir, eu tenho 38 anos e sou gestor do centro de visitantes do Projeto Tamar, em Ubatuba. Mas minha história começa em Belém do Pará, onde nasci, e passa por Belo Horizonte, onde estudei e vivi boa parte da minha vida. Conheci o projeto Tamar Ubatuba através de um curso de biologia marinha, vim da faculdade pra cá e quando eu vi isso aqui, eu soube que trabalhar aqui era meu sonho, e tentei durante o período acadêmico diversas vezes fazer um estágio aqui, mas sempre fui recusado por causa do número de pessoas que pedem estágio aqui. Aí depois que eu me formei, tentei mais uma vez e pra minha sorte eu fui selecionado! Naquela época, eu trabalhava em Belo Horizonte com informática educacional e já 'tava' há um tempo na empresa e eu larguei tudo e vim fazer estágio. Foi o que eu queria, e estágio não é garantia nenhuma também, então eu acho que dei um pouco de sorte de 'tá' no lugar certo na hora certa e mostrar o meu trabalho também, né?"

Apesar de biólogo, minha formação pouco tem a ver com tartarugas. Ainda mais em Belo Horizonte, né? Mas a prática acaba te fazendo. O profissional é feito pela prática, então a gente até diz pros estagiários que não importa o curso que ele faz ou qual a universidade, o que importa é o desempenho dele. Tem muita gente que sabe mais de tartaruga que outros biólogos e nem é da área. Então, fui me aproximando das tartarugas e depois do Atol das Rocas, quando eu voltei eu não sabia o que fazer. Pensei em pedir mais estágios no Projeto Tamar, até dar certo. Aí quando eu pisei em terra, me avisaram que o Projeto de Ubatuba estava atrás de mim e foi quando surgiu a oportunidade de ser um Trainee. Comecei como biólogo de campo, fazendo biometria, depois comecei a ser coordenador do programa de estágio e aí a demanda foi só crescendo. Gosto daqui, vejo que cada pessoa aqui do Tamar é um pedaço da engrenagem dessa máquina toda em prol das tartarugas. Cada um tem um papel fundamental pra que isso funcione, mas o foco é a tartaruga marinha, elas que são os nossos chefes. Sabe, você poder trabalhar vendo esses animais todos os dias. Trabalhar com pessoas, é uma coisa que eu gosto, lidar com as pessoas. A gente poder vir trabalhar de camiseta, de bermuda, de chinelo, né? Gostos de 'tá' em contato com a praia e com o pescador."

 Ubatuba / SP

 Bruno Amir

 Tomás Cajueiro

“Aurelina Naltério de Brito, tenho 85 anos e faz um mês que cheguei da Bahia. Sou de uma família de quatro filhos: duas meninas e dois meninos. Todos lá de Maracás. Já ouviu falar? Fica no interior da Bahia, nossa terra era pra lá de Maracás. A vida lá foi dura, então eu e a outra menina precisamos ajudar e sair pelo mundo, sair pedindo as coisas, arrumando trabalho, porque meus pais adoeceram e ficaram de cama. Daí primeiro minha mãe morreu, depois meu pai morreu e nós fomos criados por nós mesmos e por outras pessoas queridas que Deus colocou na nossa vida. Sou uma pessoa de muita fé. Graças a Deus, eu deito e levanto chamando por Deus, a quem eu posso me apegar é Jesus Cristo. Não entendo essa gente, mas eu não fico sem fazer minha oração. Não fico um dia sem fazer essa oração.

Agora mudei aqui pra essa cidade, porque levei um tombo lá na Bahia e machuquei a perna e aí minha menina me trouxe. Por enquanto ‘tô’ gostando, acho tudo muito bonito, graças a Deus. Meu genro sai com o carro me mostrando tudo, minha filha ‘tá’ cuidando muito bem de mim. Vim porque precisava desse cuidado, visse?”

 Presidente Prudente / SP

 Aurelina Naltério de Brito

 Jardiel Carvalho



A man wearing a brown cap with "TOUR" on it and a green and white plaid shirt is driving a red tractor in a field. He is looking towards the camera with a serious expression. The background shows a clear blue sky and a field with some vegetation.

“Sou Silvio Donizette Pereira Lima, 45 anos. Mexo na parte da roça, dos tratores. Já tem uns 15 anos que eu faço isso. Minha rotina é pesada, acordo 4 horas da manhã, venho pra cá, limpo os coxos, trato o gado, roço os pastos. Tem muita coisa durante o dia. Aqui na fazenda eu aprendi muita coisa. É muito bom, trabalhei muito tempo em uma fazenda, que eu criei minha família toda lá, se eu tivesse na cidade a educação ia ser outra e o manejo ia ser outro. Hoje, (para) meus filhos eu dou parabéns e tiro o chapéu, eles são 10.”

📍 Nova Granada / SP

👤 Silvio Donizette

📷 Rogério Padula



"Meu nome é Fernanda Diniz, tenho 20 anos, e eu moro numa casa que a intenção é se tornar um ponto de cultura da cidade. Moro com mais duas pessoas agora, antes éramos em três, agora são duas. Tudo começou com o grupo Maquinaria, que era um grupo de teatro independente também, que durou três anos. Depois, a gente mudou pra cá e formou a casa, né? A gente resolveu virar um coletivo. O Maquinaria passou a ser um coletivo porque o grupo já não 'tava' voltado pro teatro e cada um era voltado pra uma vertente artística. Eu desenho, o Gael ficou na parte mais performática, a Isabele escreve, então ela é mais voltada pra literatura. Resolvemos unir tudo isso e montar um coletivo que se tornou a casa, a sede. A gente tenta movimentar a cena cultural da cidade dessa forma.

Eu acho que o principal objetivo das atividades, além de movimentar a casa, além de se sustentar como um ponto cultural, é dar espaço pra galera que precisa de espaço, sabe? Quando a gente tinha um grupo de teatro isso era muito difícil, a gente dependia da galera que 'tava' afim de organizar alguma coisa com um grupo de teatro apresentando, eram sempre os contatos que a gente tinha pra apresentar. Mas era muita dificuldade achar esses (lugares) pra apresentar, sabe? Fora, aí pela cidade, não tem esse espaço. Não tem espaço pra isso aqui, falta. Então, a gente poder proporcionar isso é o maior objetivo. A galera ver o espaço como um espaço que você pode apresentar seu trabalho artístico."



Bauru / SP



Fernanda Diniz



Jardiel Carvalho

“Sou cidadão do mundo. Um cidadão do mundo que pensa que uma vez que você pensa global, você já pode agir local. Estou no mundo, faço parte do mundo e ao fazer parte do mundo eu estou preocupado com o mundo. É ele minha vida, e precisa de água, mas cada vez tem menos água. Água de beber, cada vez ‘tá’ poluindo mais, cada vez tem menos água pra fazer a vida existir. As pessoas estão jogando remédios, poluentes na água e a natureza não consegue mais dar a qualidade de água pra viver. Vida que me refiro é toda vida do planeta. Então qual é o final? O final é muito triste.”

Por que amigos da água? Pois bem, nós não construímos uma sociedade sem amigos, e se tem amigos qual é o tema em comum? Água, porquê é comum a todo mundo. É o único item que pode unir o mundo todo... E a religião? A religião não consegue unir, há conflitos. Água como elemento de propagação. Então, na medida que joga mais remédio na água, quebra o ciclo de vida, prejudica tudo.”

 Santos / SP

 Miguel Scandon

 Tomás Cajueiro





“Meu nome é Gustavo Firmino, tenho 25 anos. Comecei a mexer com cavalo com meus 12 anos e daí partiu o amor aos esportes, aos animais. Quando eu comecei a mexer com os animais, eu já vim pra parte do esporte, comecei laçando bezerro e depois parti pro Team Roping. Consegui ganhar alguns títulos. É muito bom seguir nas provas, estar no meio dos animais, rever seus parceiros e amigos, contribuindo para mostrar a importância do cavalo.

O cavalo pra mim é um meio que envolve a família, a cultura. Foi o primeiro meio de transporte que existiu. Nosso esporte é o melhor sistema de interagir com os animais sem agredi-los. Essa coisa que falam que animal aqui é maltratado, é de muita gente de longe, que fala com muita modinha. Hoje é o terceiro dia dessa prova e ontem foi suspensão, pra que os competidores e animais pudessem descansar. Os equipamentos de proteção animal tudo com infravermelho, pra valorizar tanto os competidores, quanto os animais envolvidos. Os animais são parte de nós, são tratados com o que tem de melhor. Esse é um esporte em dupla. Aqui o que vale é sincronia, cavalo e cavaleiro, se não tiver isso não adianta.”

 Presidente Prudente / SP

 Gustavo Firmino

 Tomás Cajueiro



“Escolhi sair cedo de casa, na época com apenas 15 anos e, sinceramente, essa foi uma decisão fácil pra mim, pois eu estava muito empolgado em correr atrás do que eu queria pra minha vida. Eu queria ser um ator profissional. Claro que no começo minha mãe não quis deixar, mas meu pai, que também saiu de casa muito jovem, apoiou muito a minha ideia. O sonho de ser ator foi a minha grande motivação e o que tornou essa decisão fácil. Mas quando eu vi o que era realmente sair de casa e morar sozinho, tudo começou complicar (risos), mas não desisti!”

Alguns anos depois disso, criei um canal na internet com minha namorada Camila, que é também atriz. Já fazíamos vídeos de humor há um tempo, para um aplicativo chamado Vine, mas ele começou a perder popularidade, então resolvemos ir para uma plataforma maior e mais organizada. Escolhemos o YouTube, onde poderíamos ter mais visibilidade. E seguimos lutando!”

 São Paulo / SP

 Johnny Klein

 Ciça Gregory

“Na minha família quem começou a viver a Rosas de Ouro foi meu pai e minha mãe. Mas isso já faz tempo, né? Hoje minhas netas são a quarta geração que está aqui na escola. Eu mesma venho desde menina e já fiz de tudo um pouco: já dei e fiz cursos, ajudei a empurrar carro, fui suporte de mestre-sala e porta-bandeira e muitas outras coisas. Tem que fazer tudo assim, porque tenho amor pelo meu pavilhão e quando se tem amor, tudo que precisa a gente tem que fazer. Ai passam os anos e você vai vendo as crianças crescerem, virarem adultos e trazerem as suas crianças aqui para o barracão. Assim fico em paz de saber que mesmo nesse mundo cada vez mais moderno, essa escola ainda vai continuar por muitas gerações.”

 São Paulo / SP

 Arlete Fonseca

 Tomás Cajueiro





“Sou José Guilherme Mouro César dos Reis, quase 34 anos. Crescidos e vividos muito no mundo da cana. Desde o meu bisavô por parte do meu pai, a família tem essa relação com a agricultura. Ai foi natural que, conforme eu fui ficando mais velho, eu assumisse mais responsabilidades.

Quando era mais jovem eu queria fazer (colégio) técnico de agrícola, mas meu pai era até meio contra. Ele achava que não era a hora. Ele queria que eu fizesse o colegial normal porque o ensino médio do técnico é fraco. Sabe, você faz o 2º grau com o colégio agrícola junto, então a parte do ensino médio fica de lado e o ensino era mais voltado pro técnico mesmo. Mesmo assim eu fui e fiz. Era um colégio interno que durou 3 anos. Quando me formei, achei que estava pronto e já queria trabalhar pra roça. Queria ir pra fazenda e sair das aulas um pouco. Mas meu pai não me deixou e, com ajuda dele, eu fui fazer agronomia em Uberaba. Aliás, tanto eu, quanto minhas irmãs sempre estudamos muito para nos preparar pra esse negócio. Sempre fomos muito incentivados pelos meus pais, eles eram firmes no negócio de estudo. Foi só depois de terminar a faculdade que voltei pra cá para ajudar tocar essa propriedade.

Agora, tenho clareza da responsabilidade que é tocar uma propriedade, que já está com a minha família há tanto tempo. Faço isso em conjunto, todos participam e as decisões importantes são sempre compartilhadas. Tem hora que dá frio na barriga, preocupação, não dorme direito. Uma sensação boa. Uma coisa que eu acho particularmente excitante é o plantio. Sabe por que? Você planta, eu fico naquela agonia até ver que nasceu. Por mais cuidado que você tome, por mais que você saiba que vai nascer, até nascer é agonia. Até ver a cana nascer eu não fico tranquilo.”

 Cândia / SP

 José Guilherme M. C. dos Reis

 Tomás Cajueiro



“Gostaria de criar atividades e eventos para mostrar aos brasileiros a riqueza da nossa cultura. É impressionante quanto as pessoas não conhecem sobre culturas indígenas. O primeiro passo foi gravar um CD, e isso é pra mostrar lá fora na cidade, pro homem branco, que a gente tem a nossa cultura, que a gente tem a nossa língua, e pro branco conhecer, né?”

Acho que com o conhecimento viria mais respeito. Algo que falta muito ainda, como podemos ver com essa discriminação que sempre tem na cidade. Precisamos valorizar a nossa cultura. Existem várias coisas fascinantes. Hoje existe aldeia desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, então cada aldeia que é do povo guarani, você pode ver uma riqueza única. Você pode ver que tem natureza, tem floresta, e onde não tem aldeia não tem floresta! A gente preserva muito a natureza, então por isso, pra dar essa visão também pro homem branco parar um pouco de destruir a natureza. Sabe, se valorizassem a nossa cultura teriam muito a aprender com nós.”

 Ubatuba / SP

 Ailton Uwera

 Tomás Cajueiro





“Sou um cara muito feliz, sem a felicidade a gente não vive. Falo isso apesar dos vários desafios que já enfrentei morando na rua, por tanto tempo, como eu já morei. Hoje não, hoje moro numa pensãozinha. Tenho uma cobertinha, travesseiro, tudo bem quentinho!

Mas sabe, fui cair na rua depois que eu separei da esposa, larguei meu emprego e vim aqui pra Campinas na esperança de ter um emprego. Sabe, Campinas, né?! Todo mundo falava que era rica e uma cidade com trabalho pra todos. Mas aí eu não consegui emprego, comecei trabalhar com alguns bicos que não conseguiam bancar o custo de vida alto que tem aqui na cidade. Ai quando dei por mim ‘tava’ na rua.

Gostaria de pedir que as pessoas não julguem e tratem mal quem mora na rua. Tem coisas que na rua não são uma opção. Falo do álcool e drogas, sabe. Você morando na rua não tem outras saídas, se você num beber, você passa frio, você passa raiva, passa fome. Então você esconde os seus problemas na bebida e na droga. Não é algo que entra ali por diversão, sabe.

Eu aprendi muito, vivi com muita gente, conheci pessoas boas e ruins e cheguei a uma conclusão: melhor por o sorriso na cara e viver sempre sorrindo! Não importam os problemas, eles ficam mais fáceis se vivemos sempre sorrindo.”

 Campinas / SP

 Carlos Henrique Salgado

 Tomás Cajueiro



“Sou Isabelle e tenho 11 anos. Gosto de brincar de boneca, de fazer lição quando ‘tô’ em casa. A matéria que mais gosto é história, a que menos gosto é matemática. Mas ainda prefiro brincar de boneca.”

 Guarujá / SP

 Isabelle Monique

 Tomás Cajueiro



“Sou nascido dia 12 de fevereiro de 1951. Isso foi há 66 anos! Nasci e cresci aqui na minha amada Araçatuba. Minha terra é essa. Nasci aqui, me criei aqui e já viajei com muita boiada aqui. Tenho um orgulho enorme aqui da minha terra. Acho que o motivo é a convivência com o povo, é bom, todo mundo pra mim é bom. Nunca briguei com ninguém, graças a Deus. Se a pessoa quiser brigar comigo eu saio de perto, deixo pra outra hora. Prefiro viver em paz, comigo e com os outros.”

 Araçatuba / SP

 José Militão

 Jardiel Carvalho





“É daqui do Centro de Convivência em Campinas, interior de São Paulo, Brasil, que voltei pra casa depois de uma jornada de autoconhecimento com muitas frustrações e perdas. Mas, acima de tudo recheada da prática de muito amor. Eu nasci e retornei à Campinas nesta (vida), e em vidas passadas, muitas vezes. Já morei em Santos, em Piracicaba, Limeira, trabalhei em Americana, Rio Claro, Cosmópolis, Iracemápolis, Santa Bárbara.... É... Pode incluir quase todas as cidades grandes e pequenas da região. Mundo a fora fui para a Alemanha, Itália, França... Mas é aqui que me identifico mais. Por algum motivo, sem explicação lógica, me pego percorrendo a pé as ruas do centro onde tudo começou. Onde intelectuais e boêmios estiveram durante os preparativos para a Semana de 22, que foi parar em São Paulo, mas daqui teve seus pensadores como Guilherme de Almeida. Ele atuou de forma decisiva para a Semana de Arte Moderna, ao lado de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti e Menotti del Picchia.

Campinas é a cidade que encontrou a solução para males como o da febre amarela que dizimou cidades brasileiras, e que, no século 19, contribuiu para grandes ideias que ganharam o mundo. De um quartinho na Barão de Jaguara, onde morou por um tempo o autêntico Carlos Gomes, a música erudita foi parar na Europa tomando uma repercussão tão grande, que nem todos se lembram que as composições começaram por aqui.

Elegi a Dr. Quirino como minha e é por lá que passo todos os dias para rever prédios e detalhes de tempos passados. Poucos param para olhar as marquises que resistem às décadas. Em tempo, digo-lhes que foi nesta rua, no número 21, que morou o nosso Guilherme de Almeida. Sou assim. Gosto de dar sentido aos lugares por onde passo e coisas que faço. De conhecer as histórias por trás dos fatos. Entender por que prédios, cidades e pessoas são, ou ficam como estão. Nesta busca por histórias conheci muita gente boa de verdade. Gente que usa conhecimento para ajudar o próximo. Meu sonho é poder continuar assim, com fé nas pessoas, daqui há 20 anos”

 Campinas / SP

 Carolina Rodrigues

 Erica Dezone



“Meu nome é Felipe Ferreira, eu tenho 36 anos, sou o fundador da Novo Sonho junto com um amigo, montamos e trabalhamos isso aqui nas comunidades. Eu não tive oportunidade de praticar esportes quando era criança, apesar de ter sido um sonho de criança. Tive vários problemas na minha vida, vários altos e baixos, posso dizer que tive uma história complicada até chegar na comunidade onde vivo, há 10 anos. Aqui o jiu-jitsu foi a ferramenta que eu tinha a oferecer para um mundo melhor. Eu acho que tudo começou com a ideia de tirar as crianças da rua, dar uma direção diferente da que elas têm hoje. Temos vários polos, cada criança tem sua própria história, vários alunos bons de competição, mas além disso precisamos ter bons cidadãos, pessoas que sejam também idealizadoras. Gosto de fazer as pessoas pensarem, refletirem e que lutem por um mundo melhor.

A gente tem uma meta de ter 100 polos em 10 anos, já é uma meta pra 10 anos, porque a gente sabe que precisa ter uma preparação, uma metodologia própria, uma maneira própria de ser. São muitos valores, muitos conceitos, então só o jiu-jitsu em si já é enriquecedor. A gente trabalha muito o sonho, a gente sonha e ‘resonha’ e sonha novamente, então a gente não para. Então a gente trabalha com cultura, com educação, a gente trabalha com a colaboração, todo mundo pode colaborar para um mundo melhor. Um mundo compartilhado é uma questão de sobrevivência, a humanidade precisa ter novos conceitos.”

 Santos / SP

 Felipe Ferreira

 Jardiel Carvalho





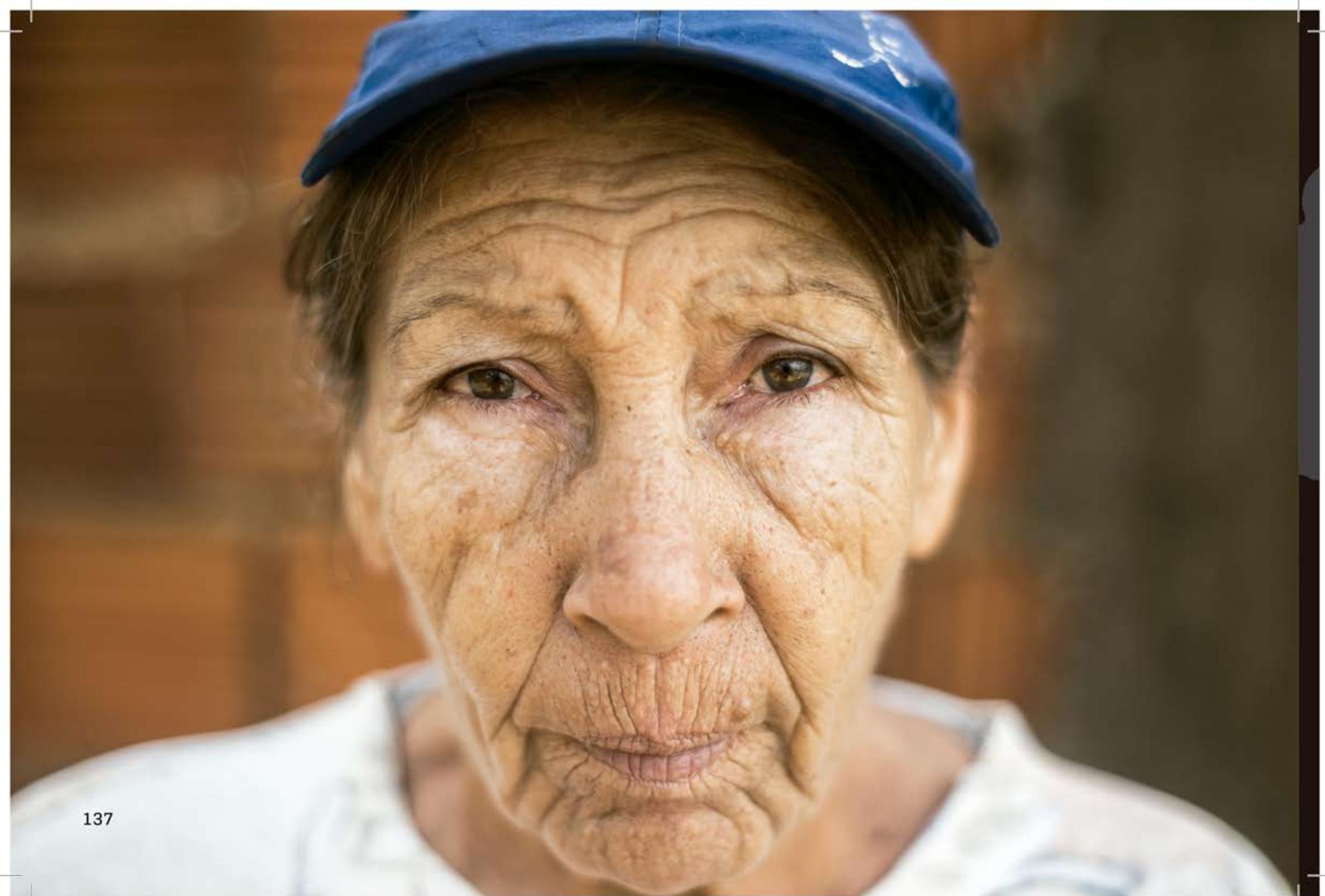
“Hoje trabalho com produção de caqui, mas nem sempre foi assim. Quando meu avô comprou a propriedade aqui era fazenda de café, aí o fazendeiro, com a crise do café, ficou mal das pernas e aí vendeu para os colonos. Meu avô era um desses colonos e adquiriu a propriedade, com um prazo de 3 anos pra pagar. Com os filhos, começou a plantar e a plantação já do meu avô era uma plantação de subsistência. Comprava na cidade só o açúcar e o sal, o resto produzia tudo aqui. Meu avô começou com uma diversidade de plantação, já foi acabando com o café e fazendo outras coisas, tomate e plantio de hortaliças. Aqui a gente ‘tava’ perto de Vinhedo, ele pagava pela Itatibense, pelo trem, e aqui nós mandávamos direto pra Paulista. Em Vinhedo, pagávamos um frete só, pra ir em São Paulo a mercadoria.

O caqui começou aqui pra nós no Brasil por volta de 52, 53. Foi em 53 que ele conseguiu com um pessoal lá do mercadão umas mudas de caqui. Demorava 2 ou 3 anos pra poder enxertar, fazia o enxerto do caqui igual fazia o da uva, o pé tinha que ter um diâmetro, fazia o racho e colocava a cuia em cima, amarrava o papel e colocava a terra pra ficar úmida. Esse pé, pra se formar, demorava de 2 a 3 anos pra sair e nem todos acabavam saindo, alguns não saíam. Não foi fácil o começo. Eu já peguei a coisa mais caminhando, não sei se é loucura, ou se é costume, mas acabamos ficando nesse sofrimento e ‘tamo’ aí até hoje. Hoje o caqui já mudou novamente, antes era bem melhor remunerado, agora a gente ganha no volume e não na qualidade. Primeiro, aqui com 200 pés de caqui, uma família sobrevivia o ano inteiro, hoje não dá mais, já não tem o valor agregado de toda essa fruta. E por isso a gente tem que ir diversificando.”

 Itatiba / SP

 Carlos Alberto Capeletto

 Tomás Cajueiro



“Sou Maria José Ferreira dos Santos, 63 anos. Olha, se eu fosse homem eu seria caminhoneiro, pra ficar na estrada, sempre na estrada. Esse sentimento de movimento sempre me perseguiu! Quando eu trabalhava nas casas de família eu nunca quis ter carteira registrada, porque se o patrão me olhasse torto, eu já falava tchau. Voltava pro mundo. Sempre tive sede de conhecer, de viver! Às vezes me perguntam se ser mulher dificultou isso. Respondo que não! Eu na verdade nunca parei pra pensar. Eu simplesmente era assim.

A única coisa que me fez parar foi quando encontrei aqui nesse assentamento a luta pela terra. Se eu soubesse que aqui é tão bom, eu teria vindo muito antes pra luta pela terra. Cheguei por uma vizinha minha, que faz mais de 30 anos que a gente se conhece, e trabalhávamos juntas lá no restaurante em Mogi-Mirim. Eu trabalhava na cozinha, ela trabalhava no salão, então ela tinham mais contato com o público e conheceu o pessoal que ia vir pra Bauru, pra pegar a terra. Daí começou, eles vieram e como fazia não sei quantos anos que a gente se conhecia e tudo, eles vieram em 2003 e depois, logo em 2004, eu vim. Hoje, quando olho para trás, vejo que eu sempre trabalhei, nunca sobrou dinheiro, mas também nunca passei fome, graças a Deus. Sempre vivendo um dia de cada vez.”



Bauru / SP



Maria José Ferreira dos Santos



Tomás Cajueiro

“Claudemir Antônio Biazoli, tenho a idade de 49 anos. Entrei aqui com 16 anos, pelo Senai, na época. Entrei na área de montagem, mas passei por muitas outras áreas nesses anos todos de empresa. Cheguei a trabalhar no laboratório, depois recebi um convite pra trabalhar na qualidade e depois na área de desenvolvimento dos motores, que é o teste, a certificação da qualidade, né? Desde pequeno eu gostava da parte elétrica. Na época, eu comecei trabalhando fazendo instalação, gostei desse ramo e abriu meu horizonte, foi onde conheci essa empresa. Hoje sou um homem feliz e realizado. Graças a essa empresa e meu trabalho já tenho casa, já tenho carro, ‘tô criando meu filho agora, ele ‘tá com 5 anos. O sonho que falta é comprar um sítio pra quando tiver aposentadoria poder aproveitar bem.”

-  Valinhos / SP
-  Claudemir Antônio Biazoli
-  Tomás Cajueiro





“Vim do Paraná por causa da pesca mesmo. Já pescava lá, aliás pesco desde moleque, quando ajudava meu pai na pescaria. Foi difícil deixar minha terra, mas vim pra Barra do Ribeira porque aqui é melhor pra gente, né? Tem mais oportunidade, porque no Paraná criou-se uma ideia que é uma terra perfeita pros pescadores. Aí muita gente vai pra lá. Mas muita mesmo, aí ficou duro pra quem já era de lá, por causa da concorrência. Aí vim pra cá com uns amigos, depois veio o outro, então veio a família toda e hoje temos uma comunidade grande de paranaenses por aqui.”

 Iguape / SP

 Sergio Luiz Cunha

 Jardiel Carvalho



“Eu sou de 55! Do tempo em que não tinha nem estrada passando aqui perto do Quilombo. Isso aconteceu só em 1968, quando eu tinha 13 anos! É curioso, porque com a chegada da estrada, chegou a legislação! Quer dizer: Tinha lei, mas o pessoal aqui não sabia! Não tinha revista, não tinha jornal, não tinha nada, rádio, nada pra comunicar! Era um tempo que nós não era dono da terra, portanto nós não podia desmatar pra fazer a roça, “prantar”, aí faltava muito o que comer. Imagina que as coisas não chegavam, porque não tinha infraestrutura e ao mesmo tempo o governo não deixava que plantássemos. Aí com a estrada da ditadura, chegou a lei. Com a lei chegou a policia. Polícia Ambiental, que chegava e dizia: “Olha, cês não podem fazer a roça...!” Como não? Sempre fizemos! Obviamente isso fez com que o pessoal daqui fosse pra cidade! Muita gente foi embora! Muita gente que deu origem a grande pobreza das nossas cidades saíram daqui, porque foram forçadas, não por escolha, mas por falta de opção. Aí muitas crianças aqui do Quilombo cresceram sem pais, porque eles iam pra cidade. Isso foi começar a mudar só nos anos 90, com a chegada da legislação, que trouxe direito constitucional para os quilombos.

Mas é claro que não basta chegar a lei. Nós precisamos de um tempo para entender como isso funcionava, como nos encaixávamos nessa regra toda. Apesar de nossa comunidade estar aqui há mais de 400 anos, não tinha nada que dissesse que é nosso! Precisamos provar que o lugar dos nossos ancestrais era nosso. Por isso, depois de 88, nós demoramos até ali em 91, 92 só estudando a legislação, se reunindo, fazendo seminário, se organizando pra entender de que forma que nós temos que ter o direito à terra, né?! Isso se deu através da demarcação da terra. Começamos a fazer tudo nessa época, né?! Em 94, a gente já tinha esse documento na mão: o mapa da comunidade. Então, a gente foi pra justiça de São Paulo pedir que o Ministério Público Federal obrigasse o governo a cumprir com aquela lei e dar esse direito constitucional pra nós, o direito à terra. Agora foi muita confusão, viu? Pegamos o cacete aí, enxada, lutamos muito até que Ivaporunduva foi o primeiro quilombo de São Paulo reconhecido.”

 Eldorado / SP

 Benedito Alves da Silva

 Jardiel Carvalho





“Meu nome é Gilson Clemente da Silva, interessante falar que meu pai, que é Lourival Clemente da Silva, conhecido como Louro, foi um dos fundadores aqui de Paraisópolis. Sou o caçula de 4 filhos, nós fomos todos nascidos e criados aqui, numa época que isso aqui era tudo uma grande fazenda, na verdade o Morumbi, era Fazenda Morumbi. Tive toda minha infância e adolescência toda à luz de velas, puxando água de poço. Depois veio a modernidade do asfalto, da água encanada, da luz elétrica, foi tudo se modernizando principalmente na época do Mário Covas e a Erundina foram prefeitos de São Paulo, isso na segunda metade dos anos 80. Eu me identifiquei muito com os esportes, fui seguindo os passos dos meus irmãos, até que entrei na faculdade de Educação Física. Ingressei na faculdade de Educação Física e, por incrível que pareça, já no meu primeiro ano eu comecei a dar aula como substituto, então ano que vem vou fazer 30 anos de profissão. Aí passei por outras escolas, abri uma academia que foi crescendo, crescendo até que virou meu maior foco. Meu modo de trabalhar na comunidade tentando levar qualidade de vida pra eles.

Eu fui um garoto acostumado ao ‘bença pai’, ‘bença mãe’, muito respeito aos mais velhos, fui criado aos moldes católicos. Hoje já não sou mais, pratico o espiritismo há mais de 10 anos, trabalho com o serviço social lá. Aliás, o que eu gosto e realizo até hoje é que consigo levar qualidade de vida pras pessoas. Uma vez, uma mãe chegou pra mim e ficou super feliz porque a filha dela conseguiu um emprego como guarda de shopping. Ela era muito franzina, então ela começou a malhar e depois de alguns meses ela ‘tava’ com a autoestima lá em cima. Eu sei que são detalhes, mas com coisas assim eu sei que mudei a vida de muitas pessoas. Eu ando de cabeça erguida porque sempre fui o professor de fazer o aluno melhorar, nunca fiz isso de queimada pra meninas e futebol pra meninos, eu sempre tentei levar todas as nuances pra todos, conhecimento amplo de todos os esportes”

 São Paulo / SP

 Gilson Clemente da Silva

 Rogério Padula



“Esse é o quinto ano que a Folia do Divino passa aqui e todo ano eu ofereço o almoço pra eles. Isso pra te mostrar como pra mim a bênção deles é muito importante. É uma santidade que nos atende sempre que precisamos. Sempre que preciso de uma graça, de uma bênção nós pedimos à eles, e quando eles vêm aqui eu sinto uma emoção muito forte. Eu tenho tantas coisas, que eu nem sei o que te diria como exemplo dessas graças. Talvez a nossa saúde, do meu marido e eu, seja a maior. Meu marido é diabético, tem bloqueio de miocárdio, uma série de coisas e eu agradeço a minha saúde, porque aos 72 anos eu ainda pesco, eu ainda faço minhas coisas. Ainda estamos vivos.”

 Ubatuba / SP

 Aurea S. Monteiro

 Tomás Cajueiro

A close-up portrait of a man with a friendly expression, wearing a white woven hat with a colorful band and a light blue button-down shirt. He is looking directly at the camera.

“Já ‘tá’ completando 26 anos que estou de Rio Preto. Vim porque meu irmão vivia aqui, mas vim meio sem rumo. Fui e comprei uma passagem pra Brasília. Na verdade, não sabia nem onde ficava Brasília, cheguei lá com 10 cruzeiros no bolso. No ônibus eu perguntei pro pessoal quem ia pra São José, pra ter uma ideia mais ou menos. Eu nem sabia onde era, eu tinha certeza que chegava em Brasília e tinha ônibus pra Rio Preto. Não tinha, claro! Ainda bem que na estação conheci um senhor que era aqui da região, que me falou certinho como chegar. Conversamos até que fizemos amizade durante a viagem. Assim foram todos meus anos sabe, sempre aparecendo pessoas do bem nos momentos que precisei.

Naquela época o meu primeiro serviço foi de servente, eu precisava do dinheiro, precisava me virar. Mas graças a Deus fui me virando e deu tudo certo. Consegui me formar com o dinheiro das obras e de umas muambas que trazíamos do Paraguai. Com o diploma na mão entrei em projetos de inclusão social e acabei sendo contratado como professor. Hoje faz 9 anos que sou professor aqui no SENAC.”

 São José do Rio Preto / SP

 Antonio Cicero Ferreira de Araújo

 Tomás Cajueiro



“Sou nascido dia 12 de fevereiro de 1951. Isso foi há 66 anos! Nasci e cresci aqui na minha amada Araçatuba. Minha terra é essa. Nasci aqui, me criei aqui e já viajei com muita boiada aqui. Tenho um orgulho enorme aqui da minha terra. Acho que o motivo é a convivência com o povo, é bom, todo mundo pra mim é bom. Nunca briguei com ninguém, graças a Deus. Se a pessoa quiser brigar comigo eu saio de perto, deixo pra outra hora. Prefiro viver em paz, comigo e com os outros.”

 Araçatuba / SP

 José Galdino

 Tomás Cajueiro

“Kainan Lucas Ferreira Paralta, eu tenho 17 anos. Vai completar 7 anos que eu treino jiu-jitsu no projeto social Novos Sonhos. Eu desejo continuar estudando, ser um bom professor de educação física. O esporte já faz parte de mim, gosto de fazer esportes que proporcionam uma boa saúde.

Eu traço metas na minha vida, também queria lutar em Abu Dhabi, lá nos Emirados, se um dia eu tiver a oportunidade. E também, se for da vontade de Deus, que eu seja um bom professor de educação física e proporcione algo de bom pra minha família. Sei que não é fácil, porque temos que enfrentar a falta de recurso, né? Porque a gente tem que trabalhar, porque senão falta coisa em casa, e aí você fica em dúvida se você corre atrás do seu sonho, ou começa a trabalhar pra não ver sua família passando tanta dificuldade.”

 Guarujá / SP

 Kainan L. F. Paralta

 Tomás Cajueiro





“Rosângela Rosa da Silva, 42 anos. Tem 4 anos que eu moro aqui nessa ocupação, o que é praticamente desde o começo. Vim parar aqui através da minha irmã, ela falava pra gente vir pro Soma, porque a gente morava de aluguel e esse aluguel comia boa parte da nossa renda. Então a gente veio e fez tudo que tinha que fazer: fizemos o cadastro, viemos vários sábados pra ver se a gente pegava um terreninho, até que deu certo. Cada um pegou um pedacinho aqui. Fazem 4 anos que eu ‘tô’ aqui no mesmo lugar. A gente já passou muita coisa aqui no Soma, já fiquei mal, já levamos bomba de gás, já fui em passeata e muito mais.

Para as pessoas que nunca estiveram em uma ocupação e só formam a opinião através de notícia de jornal eu deixo o convite: venham aqui conhecer a nossa realidade antes de julgar. A maioria das vezes não é nada do que eles tão falando na televisão. Pra mim, eu acho que é uma paz e uma sensação de comunidade que não tem mais em muito lugar. Eu poderia até sair daqui e ir pagar aluguel, pode até ser, mas primeiro tem que ter um serviço de acordo. Uma salário que me permita pagar o aluguel e viver com a mesma dignidade que vivo aqui.”

 Sumaré / SP

 Rosângela Rosa da Silva

 Tomás Cajueiro





“Eu me chamo Flávio Farlei, tenho 34 anos, sou nascido em Presidente Venceslau e hoje minha residência é em Maringá, no Paraná. Como juiz, hoje já faz uns 12 anos que ‘tô’ trabalhando. Comecei julgando provinha pequena, regionais perto de casa. Graças a Deus eu fui subindo, comecei a julgar as maiores provas do Brasil e hoje eu julgo essa, que é a maior prova do Brasil.

Doze anos parece muito, mas com os cavalos mesmo, eu tenho uma relação desde criança. Nasci numa fazenda que tinha uma criação de cavalo muito grande. Sou competidor também, sou laçador, além de ser juiz e é isso aí. A gente vive o cavalo, vive vinte e quatro horas o mundo do cavalo. Eu tomo conta de um rancho que é de um patrão meu. E a gente toma conta dos cavalos como se fosse da gente mesmo, a gente pode dizer assim, porque nosso instrumento de trabalho é o cavalo. Temos com eles uma relação de amor, a gente é apaixonado porque é um animal muito dócil, a gente viveu nisso, então a gente aprende a amar o bichinho pra cuidar”

 Presidente Prudente / SP

 Flávio Farlei

 Tomás Cajueiro



“Meu nome é Aran, tenho 38 anos. Não sou aqui de Bauru, vim pra cá nos anos 90. Gosto de viver aqui, mas procuro criar coisas que criem um ambiente mais meu aqui nessa cidade. Assim, fiz a Extinção em 2003, pra melhorar um pouco o ambiente que eu vivo, um modo compartilhável de trabalhar, bem simples, bem rotativo e buscando facilitar as coisas, trabalhar pra mim mesmo.

Esse espaço é parte da construção de um sonho para mim. Abrir esse espaço foi uma experiência muito positiva, que só traz coisa boa. Quanto mais eu me esforço, mais eu colho. A cidade a princípio não ajudaria muito pra isso, mas eu não dependo da cidade e a cidade não depende de mim, a gente tem uma relação boa fazendo o que eu gosto e o mais importante é isso. O público aqui em Bauru varia bastante, é bem vasto. Mas tenho um lugar bem cativo, a gente tem um espaço bem legal. Eu faço um cinema gratuito aqui faz seis anos e parece que isso dialoga muito com a cidade e é um prazer me desenvolver junto com a cidade.”

-  Bauru / SP
-  Aran Carriel
-  Jardiel Carvalho



“Claudinei Aparecido Cardoso, 45 anos de idade, dos quais uns vinte e cinco no mundo da cana. Hoje eu sou o líder aqui, né? Eu comando a rapaziada aqui na colheita mecanizada e é onde a gente procura fazer o melhor. Acho que pra ser um bom líder você tem que saber o serviço do seu liderado, e aqui na cana eu já fiz de tudo, já plantei, já colhi. E graças a Deus pelo meu desempenho, os patrões também foram me reconhecendo e graças a Deus eu ‘tô’ aqui hoje de líder, muito contente. As pessoas precisam perder a ideia de que a cana é um mal pro trabalhador. Sabe aquela história de boia-fria? Hoje não tem. Antes, o pessoal cortava, era aquela luta, a gente ‘tava’ com os caminhões ali no meio, indo e vindo. Hoje, a tecnologia já ‘tá’ bem avançada, melhorou muito a produtividade e a segurança também. A segurança hoje aqui é altíssima.”

 Terra Roxa / SP

 Claudinei Aparecido Cardoso

 Tomás Cajueiro

“Sou Antônio Cavalcante de Melo, aqui em Paraisópolis sou o ‘Toninho Moveis’, tenho 61 anos e sou do Recife. Cheguei em São Paulo em 1973 com 16 anos, vim sozinho. Eu ‘tava’ trabalhando em Alagoas, aí de Alagoas eu vim pra cá. Sempre trabalhei com móveis, quando eu cheguei em São Paulo. Com esse trabalho eu pagava aluguel. Tinha um fusquinha, peguei o fusquinha e troquei num terreno aqui, depois comecei a vender móveis no quintal de casa. Já faz 30 anos, mas foi assim que cheguei em Paraisópolis. Naquele tempo era tudo barraco, aí eu fui crescendo junto com o bairro e até agora deu certo, né?”

Eu aprendi muita coisa aqui, muita coisa boa com todo mundo, a gente, sabendo viver, vive bem em qualquer lugar. Sempre agradeço a Deus pelo que ele me deu, pelo que eu adquiri aqui, agora é só tocar o barco. Tocar esse barco aqui em Paraisópolis, que pra mim é a comunidade que faz parte da minha vida, é um lugar bom de viver, junto com uma população... Eu não troco isso aqui por lugar nenhum. Um lugar que permitiu que eu realizasse meu sonhos, com o comércio e com os amigos que tenho aqui dentro. Se eu pudesse eu queria ajudar o Paraisópolis a melhorar. Muita gente aqui precisa arrumar uma moradia digna, né? Apesar que Paraisópolis cresceu muito, tem tudo aqui dentro, eu mesmo ‘tô’ realizado aqui.”

 São Paulo / SP

 Antônio Cavalcante de Melo

 Rogério Padula





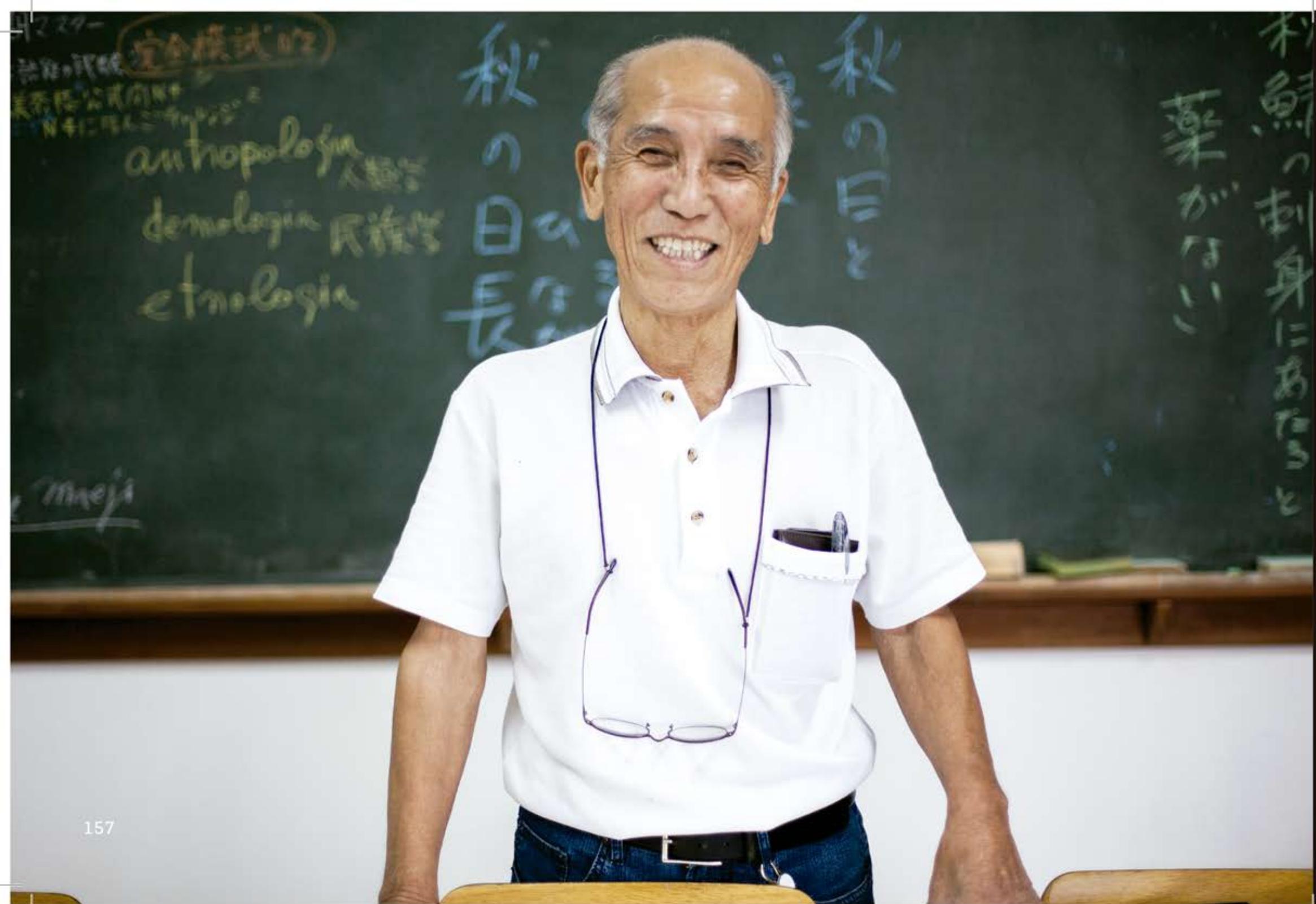
“Vir dar aula aqui na zona rural foi uma surpresa, no começo fiquei um pouco receosa, sabe? Mas olha, foi só chegar, que fiquei encantada com tudo isso aqui ao nosso redor. Com as crianças daqui, com o ambiente que temos aqui na zona rural. Claro, existem dificuldades, ainda mais comparada à cidade, posso dizer que se tratam de dois extremos. Nas duas faltam recursos, isso todo mundo já sabe, né? Mas aqui tem o desafio da falta de apoio familiar. Você não pode, por exemplo, mandar muita tarefa pra casa, porque a tarefa não retorna, muito porque os pais não conseguem entender. Temos que lembrar que a maioria dos pais não é alfabetizado e aí vivemos situações que na cidade nunca tinha passado. Semestre passado, por exemplo, tinha um aluno que o caderno vinha sempre com poucas folhas. Eu comecei a tentar entender né? Porque, nossa! Sempre tão pouca folha? Aí entendi que o pai arrancava as folhas do caderno pra fazer cigarro, já pensou? Nas reuniões também, os pais até vem, mas não ‘tá’ interessado em entender o que ‘tá’ acontecendo, parece que não entendem a importância e só perguntam onde tem que assinar. Se esses são os desafios, o lado bom são as crianças. Trabalhar com essas crianças traz muitos relatos, muitas coisas que eles contam da própria família e situações que eles passam na vida que muita gente, muito mais velha, nunca nem imaginou. Diferentemente da cidade eu sinto a confiança dessas crianças, de abrirem coisas bem íntimas, bem familiares. Me mostra um pouco de carência, sabe? Essa é a palavra: carência. Muita carência. Aí quando você dá só um ‘bocadinho’, eles absorvem muito. Mesmo com as dificuldades de aprendizagem que alguns tem, você percebe que eles se esforçam. Quando falo dificuldade, querido, é muita dificuldade mesmo. Tenho, por exemplo, um aluno no quarto ano que não está alfabetizado. Mas essa vontade vem de uma vontade de sair aqui da roça. Veja só, esses dias perguntei pra eles por que é importante estudar? Sabe o que me responderam? ‘Quero ter um bom emprego, quero poder ter um carro’. Eles veem as dificuldades dos pais, que infelizmente acabam sendo um exemplo, que talvez eles não queiram seguir. Não é aquela coisa que ‘Aí quero seguir meu pai, quero fazer o que ele faz’. Isso é comum na cidade, mas não aqui. Aqui é um exemplo de querer fazer algo diferente, pra melhor.”

 Registro / SP

 Anaide Reginato

 Tomás Cajueiro





“Na verdade não sou professor de japonês, mas como não tem outra pessoa que possa cumprir esse papel aqui na associação, eu faço isso faz 10 anos. Sou aposentado, sabe? Então não vejo isso como um trabalho, vejo como um prazer. Algo pra encher o tempo, pra eu conhecer gente, pra ter contato com pessoas. Muitos dos meus alunos já são segunda ou terceira geração de japoneses, então é gente nascida aqui.

Eu não, eu sou japonês puro. Eu vim pra cá com 13 anos, junto com meus pais, e aos 26 anos voltei pro Japão, me casei e ganhei duas filhas. Depois, com um pouquinho menos de 40 anos, voltei e trouxe a família que formei no Japão para viver comigo. Ficou assim até hoje e agora eu adoro a cidade de Registro, gosto muito de viver aqui. No começo foi difícil, foi difícil se acostumar, mas hoje eu gosto muito.

Uma das coisas que gosto da cultura brasileira, algo que eu admiro, é que a população brasileira cuida bem dos idosos e da pessoas com deficiência. Quando vou pra São Paulo, por exemplo, as pessoas oferecem ajuda, carregam as coisas, estão dispostas a dar uma mão. Isso eu admiro muito, ainda mais porque lá no Japão é difícil de acontecer. As pessoas vivem correndo e não prestam atenção nos idosos, parece que não têm tempo pros idosos. Aqui, as pessoas são mais gentis, muito mais gentis. Agora, acho ruim é o fato que muita gente, não todo mundo, mas muita gente, não respeita os horários, né? Isso na cultura japonesa é muito diferente, a gente respeita muito horário. Isso me incomoda, às vezes irrita, porque quando uma pessoa atrasa, tanto quem estava esperando, quanto quem esperava, essa pessoa depois vai perder tempo. Todo mundo tem 24 horas, não é mesmo? Não podemos fazer alguém perder uma hora do dia só esperando a gente. Me falam que isso em São Paulo está melhorando, mas aqui no interior muita gente ainda não respeita o horário. Falam 5 minutos, mas sabem que não são cinco minutos. Então, por que não falar que vai demorar, né?”

 Registro / SP

 Kuzuoki Fukuzawa

 Jardiel Carvalho



“Vou chegar na casa dos 70, graças a Deus. Chego sendo muito feliz. Chego na guerra, ‘tô’ trabalhando ainda, e agora eu sou do bairro Vila Soma, em Sumaré. Eu morava no Rio de Janeiro, e minha família já ‘tá’ toda criada. Quando minha esposa morreu eu fiquei lá sem fazer nada. Meu irmão mora aqui em São Paulo e falou pra ‘mim’ que tinha um loteamento aqui e aí eu vim pra cá. Vim mudar de ares. Aqui onde moro foi comprado, graças a Deus comprei meu pedacinho e ‘tô’ morando e ‘tô’ gostando. O próximo desafio da minha vida é transformar esse meu lugar de trabalho. Aqui por enquanto é o trailer do Guerreiro, mas aqui vai ser uma lanchonete, espero em Deus, pra inteirar o dinheiro.”

 Sumaré / SP

 José E. Borges

 Daniel Arroyo



“Quando eu comecei, tinha muito peixe. Muito mesmo! Hoje a coisa fracassou, sabe? Hoje saímos pra pescar e voltamos com muito menos do que antes. Ai fico preocupado com o futuro, né? Eu não sei se vai dar pra sobreviver da pesca, do jeito que a gente ‘tá’ indo, não vai dar pra sobreviver nem mais 5 anos e a pesca já vai acabar. Porque sai um pescado da nossa mão, baratinho, o pessoal vai ali comprar e ‘tá’ o triplo. Como que a gente vai sobreviver? Não estamos mais em condição de tocar barco de pesca. Eu mesmo já ‘tô’ aposentado, louco pra vender e cair fora.”

 Santos / SP

 Francisco Natal Mendes

 Jardiel Carvalho





“Meu nome é Tales Afonso Ferrari Ribeiro, tenho 20 anos, sou estudante de veterinária. Minha relação com os animais, sobretudo com a pecuária, vem da infância. Antes até de vir aqui pra fazenda, eu já andava com o meu pai quando ele era vendedor, sempre no meio do sítio, sempre gostei de animais e de fazenda. Foi natural, quando fiz 18 anos e o tempo chegou de estudar. Meu pai perguntou o que eu queria fazer e falei: veterinária. Trabalhar com aquilo que estudamos é muito bom, porque eu consigo precipitar muitas coisas que eu vou ver na faculdade, facilidade de aprender ainda mais e melhorando cada dia mais. Às vezes, trabalhos mais antigos, de livros, não correspondem à realidade de hoje. Mas é curioso, caminhar nesses dois mundos, do estudo e da prática, pode ser complicado. A gente fica meio em dúvida, eu ‘tô’ fazendo certo ou a professora que ‘tá’ falando errado? A gente tem que ir cada vez mais pesquisando coisas novas. Nos dias de hoje, não daria pra tocar esse trabalho sem estudar. Cada dia mais chega nova tecnologia, gente capacitada, mesmo estudando, depois de formado, acredito que tem que estudar sempre mais. Mas também é curioso, como colegas de faculdade não entendem o valor do lado prático. O valor da experiência de campo. São dois conhecimentos importantes, que caminham juntos.”

 Nova Granada / SP

 Tales Afonso Ferrari Ribeiro

 Tomás Cajueiro



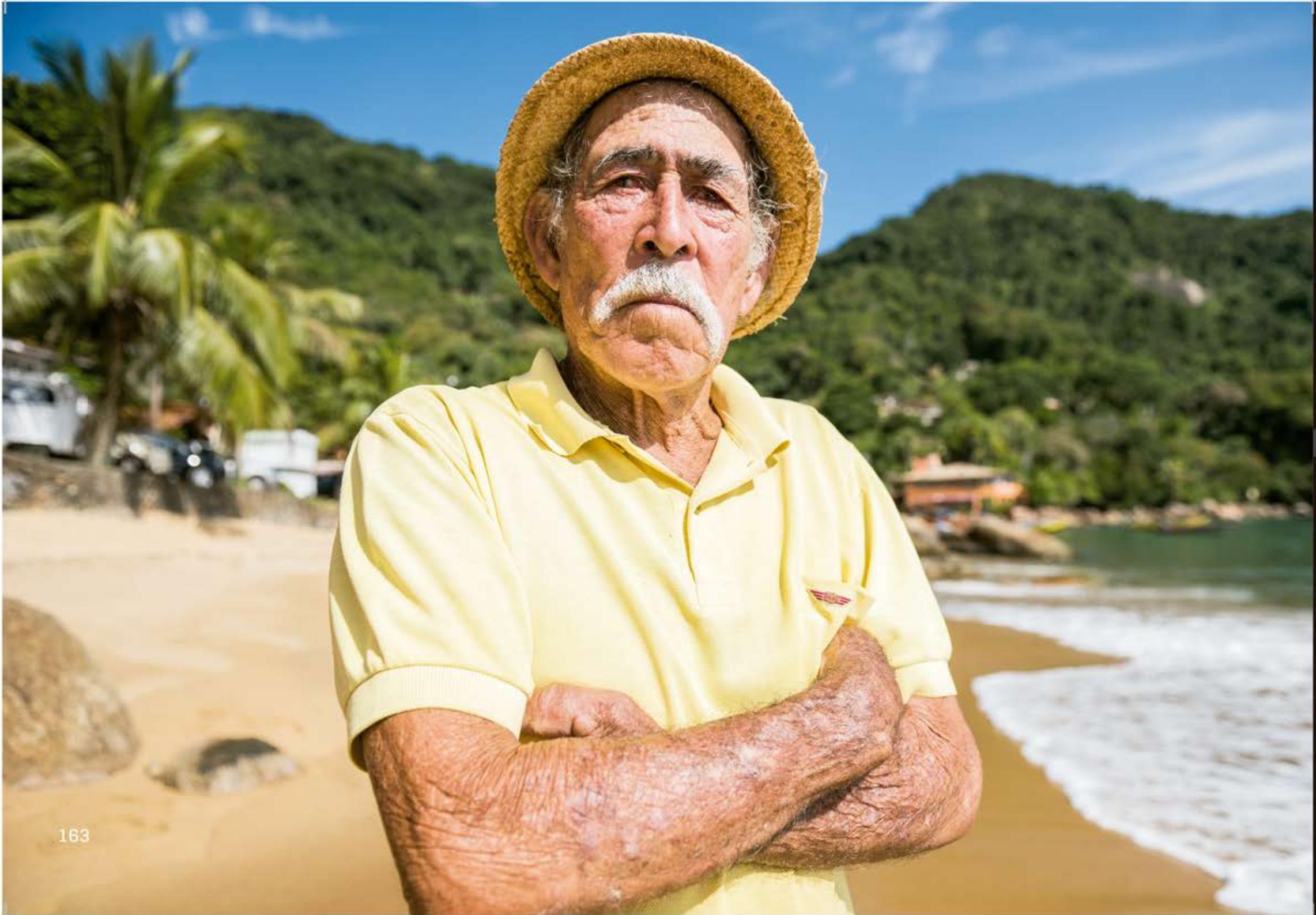
“Meu nome é Nilvania Pereira Oliveira, tenho 32 anos e moro atualmente aqui na Vila Soma. Eu cheguei aqui através da necessidade, uma amiga minha, que já morava aqui, foi quem me indicou. Eu morava em Campinas antes, eu sou baiana, tinha 2 anos que eu ‘tava’ em Campinas e como o aluguel subiu de preço a gente não tinha condições de arcar com a despesa. Foi quando a gente veio pra cá. Depois de 2 meses que chegamos aqui, meu marido e meu irmão também ficaram desempregados, mas graças ao bom Deus estamos firmes. Já pensou se ainda pagasse aluguel?”

Chegar aqui e não pagar aluguel foi um baita sensação de alívio, porque todo mês você tinha que ter 900 reais. Ia chegando dia 20 e dava o desespero! Mas graças ao bom Deus estamos aqui. Não vou dizer que é nosso ainda, mas é impagável a sensação de alívio de não ter aqueles 900 reais todo mês. Chegar no dia 15 e a gente ainda estar no desespero de conseguir o dinheiro completo, pra pagar o moço do aluguel. Pagar o aluguel ou ir pra rua, não é fácil.”

 Sumaré / SP

 Nilvania Pereira Oliveira

 Daniel Arroyo



“O meu nome é Benedito Correa, nasci em 21 de outubro, tenho 84 anos, morador de Picinguaba. Meu avô foi o primeiro homem que levantou isso aqui, ele e mais 4 famílias. Naquele tempo, que você não tinha ganância de terra, você chegava e dizia ‘seu João, posso fazer uma casinha?’. Se deixasse você fazia. O vô trabalhava na beira de Santos, Angra dos Reis, de canoa, remo, quando tinha vento corria com o vento. Eles entravam em Santos pelo rio de Bertioga, andavam aquilo tudo. Numa dessas idas ele ficou aqui em Picinguaba. Aqui foi mestre de rede, e comprou um sitio lá no sertão, a mulher dele teve 22 filhos. Aí começou essa vila.

Eu mesmo aqui nasci, cresci e criei meus 7 filhos. Agora neto, eu tenho uns 28, 30 netos e 28 bisnetos. Fora os amigos, né? Tenho bastante amizade. Trabalhei na pesca, trabalhava desde o Rio Grande até o Espírito Santo nesse mar todo aí, comi o pão que o diabo amassou naquela época. Não tinha barco grande naquela, você não tinha onde dormir, tinha que chegar em algum rancho, tinha que se virar. As coisas eram bem mais difíceis naquela época. Deus me livre guarde! O guincho era na marra, como a gente era novo, a gente ajudava. A gente ia beber água da caixa, dormir na rede molhada porque não tinha lugar, não tinha roupa apropriada. Hoje tem seu bom beliche, toma um banho, toma um café, comida boa, tem até guaraná. Naquele época era sardinha de manhã frita e de noite frita. Era assim, e a gente trabalhava, precisava.

Hoje em dia eu não faço nada, ‘tô’ aposentado! Cuido do terreno, faço uma rede, dou pras crianças, fui pegar tainha e ainda peguei algumas. Eu converso com todo mundo! Eu gosto de contar as histórias pras crianças, mas eles não querem. Não querem, mas eu conto e algumas coisas eles guardam. Ai tem uma moçada aí de São Paulo que fica na casa da minha filha, senta comigo e tudo... mas também tem uma coisa, se a pessoa me maltratou, acabou. Depois de malcriação não adianta vir pedir perdão.”

 Ubatuba / SP

 Benedito Correa

 Tomás Cajueiro

Ficha Técnica

Título: Retratos Brasileiros: São Paulo

Edição: 1º / 2017

Páginas: 160

Autor: Tomás Cajueiro

Curadoria e Direção de Arte: Genivaldo de Amorim

Fotógrafos: Ciça Gregory, Daniel Arroyo, Erica Dezone,

Jardiel Carvalho, Marcel Pazinato, Rogério Padula e Tomás Cajueiro

Produção: Cajueiro Produções

Co-produção: Genial Arte

Projeto Gráfico: Bruno Consani

Tratamento das Imagens: Bruno Consani

Transcrição depoimentos: Gabriel Alves Lemes

Revisão dos textos: Andrea Vargas

Assessoria de imprensa: Ágatacom

Site e Redes Sociais: Ideologia Digital

Impressão: Gráfica Mundo

www.retratosbrasileiros.com | www.cajueiroproducoes.com.br

Copyright 2017 Tomás Cajueiro

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia do autor.

Cajueiro, Tomás,

Retratos Brasileiros: São Paulo / Tomás Cajueiro - Valinhos, SP,
2017.

160 f. : il.

ISBN: 978-85-923413-0-5

1. Fotografia. 2. Retratos 4. Povo Brasileiro
3. São Paulo (Estado) I. Cajueiro, Tomás,

CDD 700.770





Quem são os brasileiros?

Afinal, o que compartilhamos que nos faz um Brasileiro? O que tem em comum o Caiçara de Iguape, o Canavieiro de Ribeirão Preto, o Sem Terra de Bauri e comerciante de São Paulo?

Esse livro é um convite para pensarmos juntos possíveis respostas a essas perguntas. Através das histórias e imagens de 105 pessoas, de diferentes regiões do estado de São Paulo, que compartilham um pouco de seus sonhos, lutas e conquistas, buscamos apresentar as riquezas e belezas do mais populoso estado brasileiro. Um convite que busca criar uma estrada de compreensão e entendimento sobre quem são essas pessoas que, apesar de tão diferentes, são partes fundamentais da nossa experiência como brasileiros. Sem elas, sem o diferente, não teríamos a noção que temos sobre nós mesmos. E você, saberia responder quem são os brasileiros?

www.retratosbrasileiros.com


ProacSP
Incentivo à Cultura do
Estado de São Paulo


CAJUEIRO
PRODUÇÕES


**GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO**
Secretaria da Cultura


GenialArte
PRODUÇÕES

ISBN 978-85-923413-0-5



9 788592 341305